Já vem tarde

A proteção ao cinema brasileiro

O cinema nacional vem atravessando uma de suas fases mais decisivas. Mais do que nunca está havendo um movimento revolucionário nos meios cinematográficos do país, com relação à industrialização do negócio de filmes, da produção de longa e curta metragem de películas indígenas. Não se criaram estúdios gigantescos como a Vera Cruz e a Maristela, cuja produção vem se impondo pela melhor qualidade, ao lado da Atlântida, bem como surgem produtores independentes em cada canto, no Rio e nos Estados, que procuram acompanhar essa evolução técnica, notadamente acentuada nestes últimos anos. Filmes nacionais foram exibidos, com destaque, em Festivais de Veneza, Cannes e Punta Del Este. Sem fazer feio. Cresce, assim, o entusiasmo de nossa gente de cinema. Por um lado. Mas, por outro, ainda há muitas queixas e justas queixas. A lei de proteção ao cinema brasileiro não está sendo cumprida rigorosamente. Há, evidentemente, um visível interêsse dos exibidores em sabotar as películas indígenas, sem que lhe recaiam sôbre os ombros qualquer pena. As palavras e os decretos só servem para fazer figura. No papel. Porque na realidade a coisa é bem diferente.

★

Alberto Cavalcanti, uma espécie de Messias, voltou ao Brasil, depois de granjear fama no estrangeiro. Combatido por uns e enaltecido por outros, tem em mente, há vários meses, a criação do Instituto Nacional de Cinema, cujo projeto se encontra, até hoje, em estudo, no plenário. Não se sabe, ao certo, quais as intenções dêsse Instituto, e se dará, evidentemente, o resultado esperado. Nada como a prática para se julgar as teorias.

★

Por ocasião da comemoração da "Semana do Cinema Nacional" (5 a 12 de novembro), cinematografistas, diretores, produtores, artistas e técnicos nacionais, procuraram o Presidente da República, solicitando-lhe uma providência no sentido de fazer cumprir as leis de proteção ao cinema brasileiro. O sr. Getúlio Vargas recebeu-os com o melhor de seus sorrisos e se prontificou imediatamente a tomar as devidas providências. Não só para fazer cumprir os seus decretos, como para apressar a criação do Instituto Nacional de Cinema, que, segundo dizem os entendidos, resolverá todos, ou quase todos, os problemas do cinema brasileiro. Assim esperamos.

★

Uma série de debates, a propósito dos problemas do cinema brasileiro foi realizada entre produtores, fotógrafos, músicos, artistas, críticos, diretores, etc. Todos fizeram uso da palavra. Muita bobagem se disse, muitos casos pessoais foram debatidos. Muito disparate foi dito. Mas muita verdade veio à tona. Nem tudo ficou esclarecido, mas muita coisa foi descoberta. Cada um fazia crer que o problema do cinema brasileiro se cingia exclusivamente ao seu caso pessoal. Em verdade, era uma parte do problema que totalizava o conjunto, que criava o problema único. Debates como êsses são necessários. As artimanhas e os processos de aventuras na produção, na distribuição e, principalmente, na exibição de filmes, vieram à luz. E é justamente contra êsses males que o Presidente da República vai tomar enérgicas medidas.

★

Deduz-se de tudo que, com Instituto ou sem Instituto, com financiamento ou sem financiamento, com exportação ou sem exportação, com regularização da produção ou sem ela, com produtores independentes ou sem êles, com estúdios gigantescos ou com estúdios pequenos, ainda fica faltando muita coisa ao cinema brasileiro. O problema não é pròpriamente de máquinas; é de homens. Quando houver, realmente, gente capaz de fazer cinema (diretores, cenaristas, argumentistas, técnicos) então o cinema surgirá. E já está em tempo.

leon eliachar

A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

N.º 46 ★ 15-11-51

Sumário

NÚMERO DEDICADO AO CINEMA BRASILEIRO

A proteção ao cinema nacional (Leon Eliachar) 3
Vendo a caveira (Frankie) 4
Radiografia do cinema brasileiro (Alberto Conrado) 5
Essa gente tem boa pinta (Leon Eliachar) 8
Meu destino é pecar (cine-romance) 12
Flashes mundiais 16
A nova «bomba» 18
Cinema nacional abaixo de zero 20
Problemas humanos (Dr. Luís Fraga) 22
Emilinha Borba 23
Marlene 30
Melodias para você 31
Abílio abre um novo caminho (Paulo Kalamar) 32
Música (Oswaldo da Cunha) 33
Pausa para meditação 34
Microfone (Armando Migueis) 34

★

C A P A :

ELIZABETH TAYLOR
(M.G.M.)

E X P E D I E N T E

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. — Diretor-presidente: Gratuliano Brito

Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,00. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º Distrito, Lisboa, África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires.

Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente.

Venda e Publicidade em São Paulo: A. Zambardino - Rua Capitão Salomão, 169.

Correspondentes em Hollywood:
THOMAS KEENE
VIOLET KINNEY

Correspondente em Paris:
JEAN DELMAR

Redator-chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

LUÍS Delfino declarou: "Silveira Sampaio não é ator. E estou cançado de dizer isso a êle próprio". Veremos se é verdade, quando o autor de "Flagrantes do Rio" ler esta nota.

★

PAGANO Sobrinho, popular humorista paulista e contratado da E-8, dá verdadeiros "shows" num Bar em Copacabana, depois da meia-noite, numa roda de amigos. Seu "partner" é Ivon Curi. Dizem que êsses espetáculos agradam muito mais que seus programa na Nacional. Ver para crer.

★

MIRIAM Moema, espetacular morena da televisão Tupi, foi ameaçada por Reynaldo Costa, depois de um passeio no Casablanca, caso saisse novamente. Mas a menina já havia telefonado a um popular galã do cinema nacional para um primeiro encontro. Resultado: perseguições de autos pelo asfálto da Avenida Beira Mar. na frente, uma Buique com o galã e a morena; atrás, Reynaldo Costa numa Cadilaque. Minutos depois, desolada e triste, Miriam Moema regressava à sua residência. De taxi. Moral da história: Mais vale uma Cadilaque na mão, do que uma Buique "voando"...



Esta é uma seção de "venenos". O cronista não se responsabiliza pelas notícias recebidas. As pessoas atingidas podem nos esclarecer a respeito. As contestações serão publicadas, a bem da verdade. E, por favor, não troquem de mal comigo...

F R A N K I E

MARIA Della Costa rompeu seu contrato com a Vera Cruz. Alega a estrêla que os estúdios de São Bernardo dos Campos não cumpriram com as promessas feitas. Verbalmente, é claro...

★

A Imperator ainda não encontrou uma menina para estrelar seu próximo filme "Coquetel de Brotos". Por enquanto, há muito coquetel e poucos brotos. Dizem que, por trás dos bastidores, trava-se uma luta infernal entre Marly Sorel, Mary Gonçalves e Dinah Mezzomo. O Murilo anda realmente muito embaraçado êstes últimos dias. E a fita não começa. Assim os brotos acabarão ficando velhos...

★

FRANCISCO Carlos, ganhando um fabuloso salário mensal, entrou num bar em Copacabana, comeu um sanduiche — e retirou-se sem pagar a conta. O garçon ficou por conta, com trocadilho e tudo. Isso porque o Francisco Carlos não costuma ser esquecido. Ou, melhor, faz tudo para não esquecer... de "não pagar". "Foi o chope que eu bebi..." — diria Nelson Gonçalves.

RADIOGRAFIA DO CINEMA BRASILEIRO (1)

DEPOIS de abrir a imagem em direção do imenso panorama do cinema e andar pelo caminho da tela brasileira como expressão de arte, entremos, conjuntamente com o leitor, nos sinuosos caminhos do espetáculo em si. E poderiamos acrescentar, entre as expressões artísticas, o primeiro espetáculo da era moderna, porque não existe outro que desperte o interêsse de uma massa de gente grande, não sòmente em nosso país, porém em qualquer parte do mundo aonde tem chegado o cinema com o milagre de suas imagens móveis. Como é uma lei natural, que à distância os extremos se pareçam e também se toquem, ao abandonar êsse estúdio da arte para penetrar noutro, que chamamos espetáculo, devemos sair lentamente de um para chegar a outra face, a fim de diferenciá-los de uma forma compreensível. Diferenciar então a arte do espetáculo, apesar de ser o que está mais unido e irmanado na concepção da obra. O artista criador, escritor do argumento cinematográfico, deve conceber em imagens, porque aí está sua eloqüência. E a imagem-base completa-se com o tema que, unidos, formarão o espetáculo. Além do mais, possui os recursos artísticos do teatro, da música e da novela. Admite-se o cinema como uma arte na plenitude de seu vigor — e isto tem-se provado num estúdio: o russo. Sua evolução artística, o espetáculo, ganham o favor do público sôbre tôdas as demais antigas artes. E com a vantagem de que tem extraido de cada uma delas o melhor, num

CAPACIDADE CRIADORA



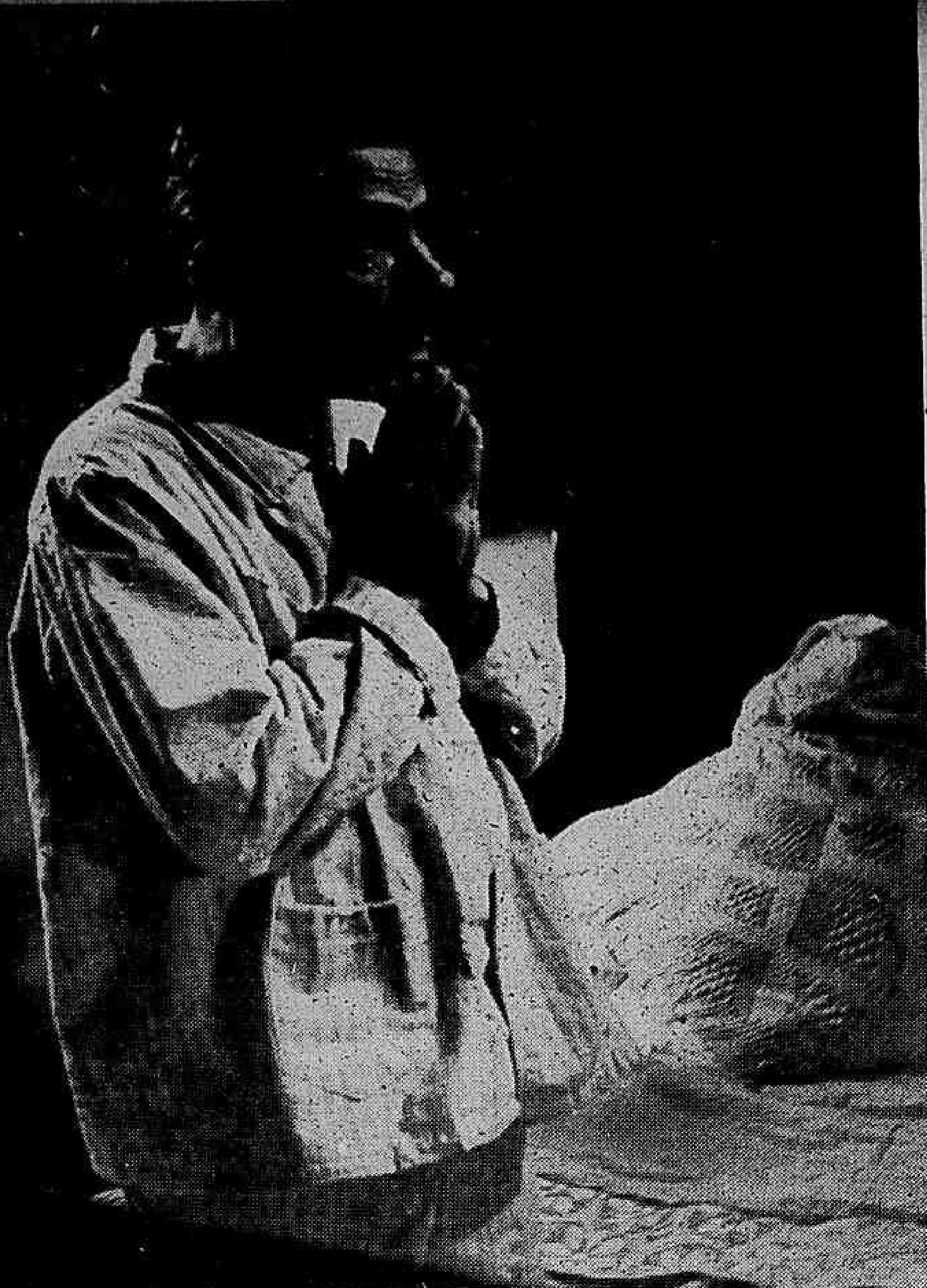
SANTUARIO
Premiado em Veneza.

DEVE-SE APROXIMAR O **ESPETÁCULO** DO **ESPECTADOR** ★ A VANTAGEM DO CINEMA SÔBRE O RÁDIO E O JORNALISMO ★ POR QUE A CINEMATOGRAFIA FICOU RELEGADA A UM PLANO INFERIOR EM NOSSA TERRA? ★ A NECESSIDADE IMPERIOSA, PARA O BRASIL, DE UMA SÉTIMA ARTE PRÓSPERA.

De ALBERTO CONRADO



ALBERTO CAVALCANTI
O cinema nacional em linha reta.



«O COMPRADOR DE FAZENDAS»
Um dos melhores filmes nacionais.

largo tempo de modo a viver delas e com elas complementar sua grande missão na sociedade, como meio educativo. A música, a cenografia e a arte cênica em geral, entre outras, têm chegado aos "sets" com sua experiência de longos séculos. O cinema as têm adaptado com seus mínimos recursos, dando-lhes uma projeção indiscutível e superando o original, como no caso da expressão humana, onde a tela lhe dá uma magnitude como nunca teve e nenhuma arte lhe poude dar. Os flagrantes da pantomima e da tragédia, cujas origens perdem-se no tempo, aproxima o **espetáculo** do **espetador,** quer dizer, a imagem do que vê, a sua compreensão com os infinitos detalhes do cinema em movimento e expressão. Porque um rosto na tela, aumentado trezentas vêzes de seu tamanho natural, é visível por milhares de pessoas comodamente sentadas em suas poltronas, coisa que não se pode fazer no teatro.

E superando as demais artes numa proporção de distâncias chegou a ser acessível a todo o mundo e com isso pôs-se à vanguarda no interêsse coletivo.

Em nosso país, numa evolução lentíssima, porém que não cabe no espaço desta reportagem, tem superado, embora relativamente, as outras artes no apoio do público, adquirindo assim tôda a importância que é de imaginar-se como elemento de gravitação na sociedade. Comparado ao jornalismo e ao rádio, o cinema possui uma vantagem sôbre êles pois **insina distraindo** e **penetra mais em nossas consciências,** axioma de importância poderosa na moderna cultura. No Brasil, como também acontece com outros países, talvez porque o cinema é uma arte moderna e a produção local não satisfaça o mercado, há que dividí-lo, para qualquer análise, em cinema nacional e estrangeiro. E a menor parte corresponde ao brasileiro, proporção que não se verifica no teatro, nem na pintura, escultura e outras expressões do espírito. Desde "Asas do Brasil", passando por "Caminhos do Sul", "Caiçara" até "O Comprador de Fazendas", tem havido um aceitável passo no espetáculo cinematográfico. Não poucos foram os esforços, no começo, para chegar a não ser ridicularizado no conceito público. E seu interêsse para maiorias (não minorias) é o que faz difícil a adaptação dos meios artísticos para conseguir a obra, não como expressão artística sòmente onde entra também a arte. E aqui é onde se tocam, como dissemos no princípio a **arte com o espetculo**. Pese a importância que hoje possui, nosso cinema não tem chegado a satisfazer em sua qualidade de espetáculo, como o faz o norte-americano dentro do território daquela nação, sendo o mais evoluido do mundo (industrialmente falando). Por recente estudo, podemos afirmar que, fàcilmente, o mercado cinematográfico pode absorver mais de quinhentos filmes nacionais, enquanto que os que se rodam são cêrca de 15. A diferença é eloqüente. Por que o cinema brasileiro tem ficado relegado a um plano tão inferior em nosso país? Por que é obrigatório passar centenas de filmes estrangeiros pudendo florescer uma indústria que é ao mesmo tempo arte e meio de cultura?. Os fatores, bem sabemos que são múltiples. Em tôdas as encruzilhadas da vida e também da arte existe algo básico, fundamental, simples quando se anuncia, porém inumeras vêzes esquecido. E' como aquêle pedinte a quem todos entregavam sua dádiva, porém ninguém olhava seu rosto. Nunca se dirá o suficiente: cuidar seu valor como espetáculo. E como se consegue isto? No constante equilíbrio, em considerar o filme como uma antena de vibração, que deve funcionar dentro de nós como público. "E' fácil dizer isso, porém difícil de realizá-lo", replicará o produtor. O filme comercial não precisa ser mediocre, mas também não será comercial — chamemos melhor um espetáculo obtido — qualquer coisa que esteje à margem do **entendimento e emoção das massas naturais**. Colocamo-nos no umbral desta ampla paisagem que é o cinema como espetáculo — impossibilitados de avançar, no presente artigo, à margem do nulo apoio que lhe dá o govêrno, para a melhor fonte para seu êxito é o público. Quem melhor para conhecer sua sensibilidade que os mesmos brasileiros? Quem senão êles conhecerão melhor suas reações? E ninguém possui um caminho mais conquistável do que o filho do país, porque pode dar-lhe o que êle mais conhece e está mais de acôrdo com seu gôsto. Obter o espetácuo que nasce na arte e, apesar de que pareça paradoxal, se exibindo da fase comercial — mecânismo de produção, lançamento, distribuição, etc... é dar ao cinema brasileiro seu recôndito apoio para conquistar a todos os públicos e com isso terá a indústria a prosperidade que merece de acôrdo com nossa cultura.

No próximo número:
FALTA DE ARGUMENTISTAS.



«ASAS DO BRASIL»
Vo picado para o desastre.



«CAIÇARA»
Aplaudido no Festival do Uruguai.

"Caminhos do Sul"

A trilha e penosa, porém certa.

PROCURA-SE UM FILME PARA FAZER

ESSA GENTE TEM BOA PINTA

HAVERÁ EXCESSO DE GALÃS NO CINEMA BRASILEIRO OU EXISTE REALMENTE ESCASSEZ DE FILMES? — ONDE A BOA ESTAMPA AINDA SE CONFUNDE COM TALENTO — AGORA QUE O CINEMA NACIONAL ESTÁ TOMANDO FEIÇÕES DE INDÚSTRIA, NOVAS MEDIDAS PRECISAM SER TOMADAS EM BENEFÍCIO DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOS ASTROS — ATE' AONDE E' BENÉFICO O ESTRELISMO — ONDE ESTÃO OS DIRETORES?

De LEON ELIACHAR

NÃO é nosso objetivo, absolutamente, fazermos um retrospecto do cinema brasileiro. O que nos interessa é o cinema brasileiro de hoje, maduro, na idade, com seus quase quarenta anos de idade. Ou isso. Mas uma coisa implica a outra. Indiscutìvelmente. Os conservadores não deixam de falar em "Limite", "Canga Bruta", "Barro Humano", "Bonequinha de Sêda". Mas não são êsses os filmes que fazem o cinema nacional. O cinema nacional é, antes, formado pela quantidade de fitas produzidas nestes últimos três anos, quando, realmente, está querendo conquistar feições de indústria. Alguns homens, batalhadores incansáveis, embora misturados e confundidos com meia dúzia de aventureiros, incansáveis também, continuam até hoje lutando pelo engrandecimento da arte cinematográfica no Brasil. E' bem verdade que êsse número de idealistas cresce dia a dia, como não é menos verdade que o número de aventureiros também se multiplica. Mas é desse movimento, justamente, que está surgindo o cinema nacional. Bom ou mau, o fato é que está surgindo. Agora.

★

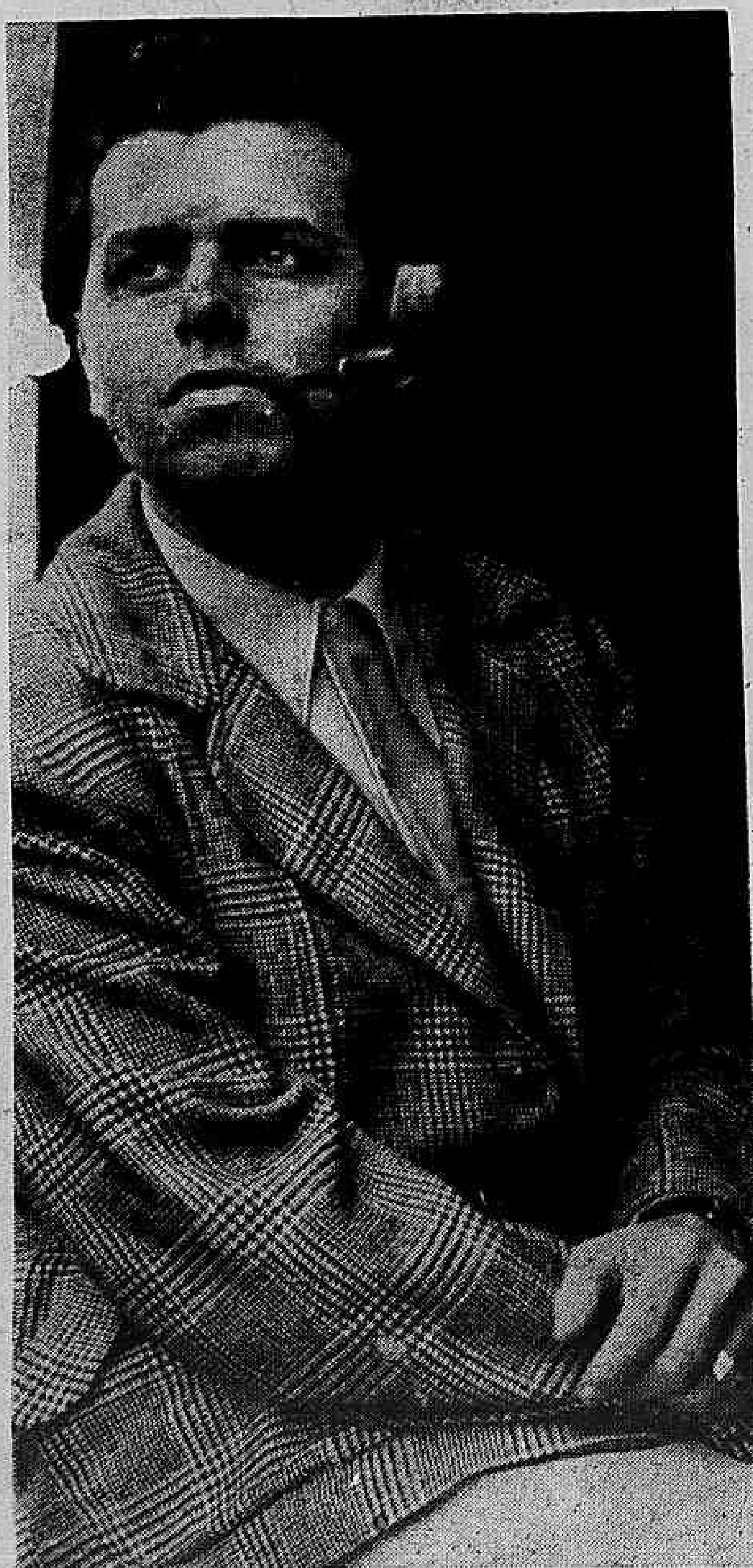
Sempre se encontraram justificativas para a deficiência de nosso cinema. As desculpas sempre foram as mais contraditórias possíveis. Falta de dinheiro, de máquinas, de técnicos, de artistas. Tudo isso foi sendo suprido, lentamente, paulatinamente. Não havia estúdios, não havia companhias organizadas. Isso está sendo remediado também. Cada vez as desculpas iam escasseando. Como, evidentemente, os filmes iam melhorando, tècnicamente, diga-se, os financistas começavam a encarar mais a sério êsse cineminha pobre. De seus olhos saltavam cifras e êles viam no cinema brasileiro uma possibilidade de negócio como indústria e não como arte. Era preciso que juntassem as duas coisas, mas da segunda ainda estamos muito lon-



CYL FARNEY
Onde está o talento?



ALBERTO RUSHEL
Espera uma oportunidade.



DICK FARNEY
Boa pinta e boa voz. Só isso.



PAULO PÔRTO
Não encontrou um diretor.



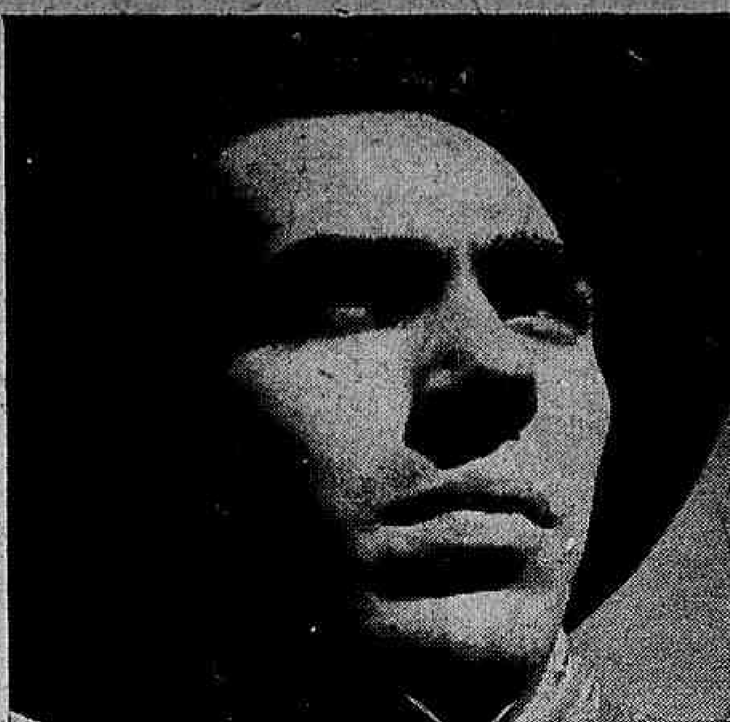
JORGE DÓRIA
Preferiu ser argumentista.

ANSELMO DUARTE

O MAIS BEM PAGO DO BRASIL



ROCIR SILVEIRA
Terá desistido?



ROBERTO ACÁCIO
Completamente desiludido.



CLAUDIO NONELLI
Um canastrão.

ge. Aos tropeços e aos trancos, aos sacrifícios e aos golpes, as fitas iam sendo rodadas. Cada vez em maior quantidade. E em melhor qualidade — por que não?

★

Bem cedo, mirados no exemplo norte-americano, nossos homens de cinema compreenderam a necessidade do estrelismo como base de indústria. E' êste talvez um dos entraves ao melhoramento artístico de qualquer cinema. Um nome em letras grandes às portas do cinema, garante a renda de qualquer fita. Foi quando se começou a fabricar artistas de cinema. Gente de cartaz vinha do rádio e do teatro, para que seu prestígio arrastasse as multidões de fãs. Oscarito, Grande Otelo, Celso Guimarães, Mário Brasini, Milton Carneiro, Rodolfo Mayer, e muitos outros. A maior parte dêles, diga-se, tinha realmente talento, dentro de suas profissões. Mas não havia diretores que os orientasse. E, depois, as dificuldades eram imensas. Foi quando tiveram a idéia de lançar galãs. Gente nova, sem experiência de microfone nem de palco. Gente que ingressaria diretamente no cinema. Bastava ter boa pinta. Foi como surgiu Anselmo Duarte, Jorge Dória, Roberto Acácio, Mário Sérgio, Orlando Villar. Êles criariam nome no próprio cinema. Seriam cartazes também, como os de rádio e teatro. E assim foi. Com a multiplicação dos estúdios e dos produtores independentes, com a importação de máquinas e a construção de novos estúdios, com o contrato de técnicos e a montagem de laboratórios, multiplicaram-se assustadoramente as fitas. E cresceu, consequentemente, o número de galãs.

Hoje ninguém se pode queixar da falta de galãs no cinema brasileiros. Há homens de todos os tipos e tamanhos, de tôdas as idades e pêsos. Com talento e sem talento. Para filmes dramáticos e para filmes de carnavál. Ou para uma coisa e outra. Ou para nenhuma. Mas há. E haverá muito mais. Dia a dia surge um novo produtor, uma nova fita — e um novo galã. Continuarão vindo do rádio, do teatro, das boites, dos circos — e da rua mesmo. Todos se interessam, atualmente, pelo cinema brasileiro. Porque êle custou, mas está pegando. Está tomando fôrça. Hoje há capital, há estúdios, há máquinas, há celulóide, há laboratórios, há uma lei de obrigatoriedade que será cumprida, há sindicatos, há técnicos, fotógrafos, iluminadores, cameramen, músicos, cortadores, montadores, haverá um Instituto Nacional de Cinema, há artistas, homens e mulheres, velhos e crianças, astros e coadjuvantes — e há muitos galãs, galãs em profusão. Mais galãs mesmo do que filmes. Há tantos galãs, que alguns ficam parados durante meses, sem filmes para trabalhar, em benefício de alguns cartazes contratados. Que fazer? Cortar-lhes o contrato? Dividí-lo, irmamente com seus companheiros? O resultado é que os galãs, depois de certas aventuras cinematográficas, voltam às suas antigas profissões ou continuam esperando uma chance, no anonimato. E novas dificuldades vão surgindo.

★

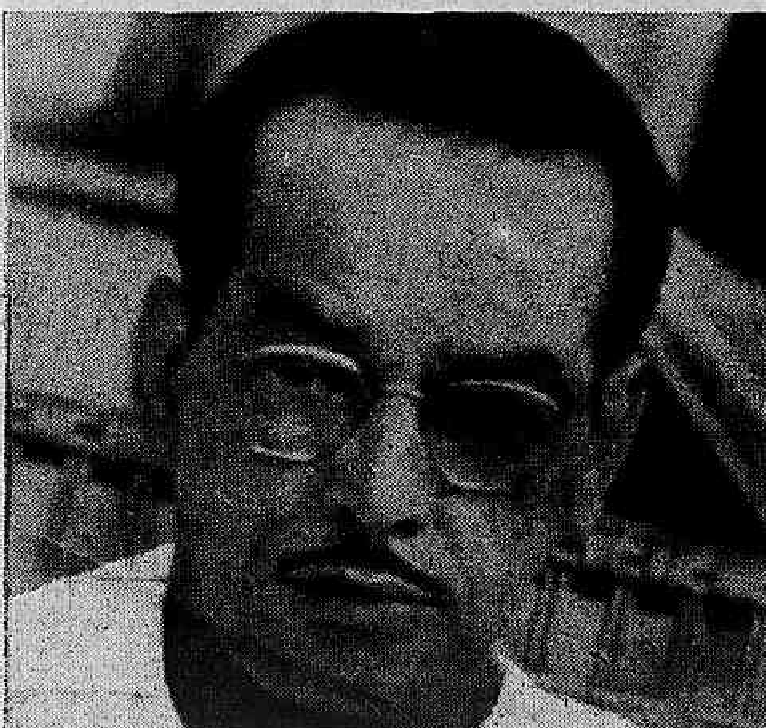
Mas ainda falta muita coisa no cinema brasileiro. Não será o excesso de galãs que virá resolver o nosso problema. E' preciso mais diretores, mais capital, mais estúdios, mais cenaristas, mais constância no trabalho. O cinema deve (e para isso deve haver um jeito) ser profissionalizado e não continuar sendo um "bico". E para isso deve merecer o apoio do Govêrno.



MARIO BRASINI
Voltou ao rádio.



CELSO GUIMARAES
Esperando um convite.



PAULO GRACINDO
Bom ator desperdiçado.



ANSELMO DUARTE
O mais bem pago do Brasil.



ORLANDO VILLAR
Continua aprendendo.



MARIO SÉRGIO
Vontade não é talento



ALEXANDRE CARLOS
Um bom tipo.

O pequeno carro corria velozmente através da estrada do sertão. Nêle viajavam Helena e Maurício. Estavam recém-casados. Um casamento de conveniência. E embora estivesse pela janela do carro com os olhos voltados para o horizonte onde a tarde morria, Helena tinha o pensamento longe dali. Como num torvelinho agitavam-se na sua memória as cenas que haviam precedido o seu casamento com aquêle homem que ia ao seu lado, com aquêle homem que agora era... seu marido.

— "V. precisa se casar com êle, Lena. E' a nossa salvação" — dizia sua mãe, instando-a a aceitar Paulo.

Logo depois voltava à carga:

— "Netinha precisa de uma perna mecânica. Seu pai está ameaçado de ir para a cadeia, se não devolver o dinheiro... Você é a nossa salvação. Case-se com Paulo — êle é rico, bom... bebe um pouco, mas isso será fácil de você aturar..."

O carro parou. Dêle saiu Paulo e bateu à porta. Helena voltou à realidade. Observou Paulo abrindo a porteira... e quando caminhava podia-se reparar perfeitamente no defeito de sua perna... o que o fazia mancar ligeiramente. Uma placa anunciava: "Fazenda Sta. Maria". Helena sentiu duas lágrimas. Já ha-





MEU DESTINO É PECAR

E L E N C O :

ANTONIETA MORINEAU	Helena
ALEXANDRE CARLOS	Maurício
ZILAH MARIA	Lídia
RUBENS DE QUEIROZ	Paulo
MARIA DE LOURDES LEBERT	Consuelo
NAIR PIMENTEL	Netinha

★

Direção de fotografia	MÁRIO PAGÉS
Câmera-man	JUAN CARLOS LANDINI
Corte e edição	JOSÉ CANIZARES
Chefe de produção	VITORIO CUSANI
Cenografia	LUCIANO GREGORY FRANCO CENI FRANC. BALDUINO
Música	HENRIQUE SIMNONETI
Diretor de som	JACQUES LESGARDS

★

Extraido do famoso romance do mesmo nome da escritora SUZANA FLAGG.

★

Diretor e produtor associado
MANUEL PELUFFO

★

Um filme da CINEMATOGRÁFICA MARISTELA

via chegado ao seu destino...Que lhe estaria reservado a partir do instante em que passasse aquela porteira, entrando para um mundo novo e desconhecido?

Já era noite. O carro parou diante da casa grande. Uma lanterna acesa desenhava três vultos indistintos na varanda da velha e tétrica construção colonial. Eram D. Consuelo, mãe de Paulo, o avô de Paulo e Naná, uma negra, empregada da casa desde criança. Ao primeiro momento, Heleno notou que D. Consuelo, sua sogra, a odiava... e sòmente nos olhos do avô de Paulo, um velhinho de cabelos bem brancos, encontrou um lampejo de simpatia. Naná seguiu na frente com a bagagem... e os outros a seguiram.

A apresentação foi fria como aquela primeira noite de casada na "Fazenda Santa Maria".



★

Na sala de jantar uma nova personagem foi apresentada a Helena. Era Lídia — uma mulher esguia, de cabelos negros, que trajava um vestido que lembrava as puritanas do meio século. Nos seus olhos se percebia um brilho estranho que lembrava um gato selvagem dentro da noite.

— Leve Helena para o quarto dela — ordenou D. Consuelo a Lídia. — Assim que chegar o Coronel Alcébiades jantaremos.

Lídia, sem uma palavra, indicou-lhe o caminho e subiu com ela os degraus que levavam á parte assobradada da casa. Em meio à escada Lídia disse as primeiras palavras, desde a chegada de Helena:

— V. não devia ter vindo. Isto é uma casa de loucos e de assassinos !

★

A porta abriu-se e Helena viu-se dentro do quarto que ia ser o "seu" quarto. Uma cama antiga. Um nicho na parede com uma santa e uma lamparina tremeluzindo dentro de um copo sujo de óleo. Uma janela dando para o bosque... Tudo tétrico... Assustador!

— Êste é o "seu" quarto, agora, Helena. Você há de sentir a presença "dela" a todo instante aqui dentro. Você verá. Eu sei o que digo.

— Dela?

— Sim, de Guida, a primeira mulher de Paulo. Ou vai dizer-me que não sabe que Paulo já foi casado?

— Sabia...

— Mas não sabia que êle casou-se com você para esquecer a "outra"!

— Não creio que êle tivesse casado comigo para esquecer a... "outra".

— Veja! Êste era o quarto dela... Está como o deixou... E você vai dormir na mesma cama em que ela...

Lídia cortou a frase, quando um uivo de um cão cortou a noite chegando até ao quarto. Helena encolheu-se tôda e Lídia, ao observar esta reação, começou a contar-lhe o drama que envolvia aquêle casarão e aquelas estranhas figuras que se moviam dentro dêle.

— Êste é o único cachorro que sobrou. Eram seis lôbos selvagens que Paulo havia comprado. Naquela noite "alguém" soltou os cães e êles estraçalharam a Guida, que se encontrava dentro do bosque. Não se sabe, até hoje, o que ela estava fazendo no bosque, àquela hora, nem com quem ela estava.

Um ruído na porta fê-las virarem, com o terror estampado nos olhos. Era D. Consuelo que, estranhando a demora das duas e temendo que Lídia começasse a contar as suas histórias, havia ido ao encontro delas.

— Desça, Lídia, e mande tirar o jantar. Eu levarei Helena.

Assim que Lídia saiu, D. Consuelo, sem grande interêsse, tentou dar uma explicação sôbre ela.

— Lídia ficou assim... meio... exquisita, desde que Guida morreu.

E, encerrando o assunto, convidou Helena para descer porque o jantar ia ser servido.

★

Nessa mesma noite, Helena foi apresentada a Maurício, irmão de Paulo. Era um tipo atraente. Um homem forte e com um sorriso cativante. Helena pensou, ao olhá-lo nos olhos, ter encontrado um aliado, mas essa impressão desvaneceu-se quando êle lhe falou com a mais desassombrada intimidade.

— Você vai gostar daqui, Lena. Você verá. Eu me encarregarei disso.

Paulo, que nesse momento bebia com o avô, a um canto, não pode esconder um lampejo de ódio.

O jantar decorreu quase em silêncio e num ambiente de frieza sem par. O coronel Alcebíades, um vizinho dêles, tentou várias vêzes e inùtilmente manter uma conversação! Quase ao fim, D. Consuelo, frizando as palavras, advertiu à recém-chegada.

— Êste é o nosso primeiro jantar com o novo casal. Espero, Helena, que não se repita o que acontecia com Guida, que quase nunca jantava conosco.

E, ante o olhar de surprêsa de Helena, continuou:

— Guida era, como você sabe, a primeira mulher de Paulo. Depois da morte dela achei que Paulo devia casar-se de novo. Guida nunca pôde dar-me um neto e Deus a castigou.

O velhinho tentou repreendê-la:

— Minha filha, Deus não castiga ninguém.

— Eu sei o que digo, meu pai. Deus a castigou porque não quis ter um filho... E eu preciso de um neto!

Helena levantou-se e retirou-se apressadamente da mesa, subindo para o quarto.

Helena havia terminado de mudar de roupa. Lá fora o vento uivava, fazendo côro com o único cão que restava. A luz da lamparina tremia e fazia mover sombras na parede. Sombras que foram tomando corpo, sombras que foram aproximando-se de Helena. O terror estampado nos olhos, Helena queria gritar e não podia e nesse momento a porta se abriu e Paulo emoldurou-se através dela.

— Que quer aqui? — gritou para Paulo.

— Eu... eu...

— Por que não bateu antes de entrar?

— Desde quando preciso bater para entrar no quarto de minha mulher, no *meu quarto?*

Helena sentiu a realidade da sua situação e pediu-lhe que se retirasse, que a deixasse a sós.

— Não, Paulo, saia... Saia, por Deus!

Paulo — ligeiramente embriagado — afastou-se silenciosamente, fazendo ouvir apenas o ruído do salto do sapato ao arastar a perna... Helena caiu sôbre o travesseiro e chorou copiosamente.

★

Na manhã seguinte, o ruído de tiros e gritos acordou Helena. Correu à janela e viu que os cabras da fazenda traziam prêso um colono. Pôde, então, constatar tôda a ferocidade daquela gente. Maurício interrogava o homem.

— A tocaia não era pro senhor. Era pro o seu Paulo — gritava o colono prêso.

— Miserável! Quem mandou você me matar? Quem? — exigia Maurício.





fazenda Santa Maria e dêle desceram Paulo e Netinha. Ao ver a irmã de criação, Leninha soltou um grito de alegria e correu ao encontro dela.

— Netinha!... Que saudade!... Como foi bom você ter vindo.

A menina abraçou-a demoradamente, depois mostrou-lhe a perna mecânica que Paulo comprara para ela e que a ajudava a andar sem dificuldade.

— Mas como foi você aparecer por aqui? — perguntou Lena.

Paulo explicou-lhe:

— Senti que Netinha precisava mudar de ares. Ela andava muito triste com o seu casamento. Achei que ela devia passar uns dias com você.

Todos caminharam para a casa-grande. À porta surgiu D. Consuelo e logo atrás o vovô. Êste ficou logo encantado com a presença da menina na Fazenda e foi dizendo:

— Como? Vocês ainda não me apresentaram êste brotinho?

Por sua vez, D. Consuelo, ao ser apresentada, mediu-a de alto a baixo, demorando seu olhar sôbre a perna mecânica... Ela julgava, agora, compreender o por quê da estima de seu filho Paulo por aquela menina...

— Muito prazer — cumprimentou friamente D. Consuelo.

★

Os primeiros relâmpagos dentro da noite anunciavam a próxima tormenta. À hora do jantar, Netinha e Leninha conversavam, quando Lídia veio anunciar que o jantar estava na mesa. Um violão fêz-se ouvir e alguém começou a cantar:

"Quem foi que te contou,
que esta noite serenô.
Eu, sentado no teu colo,
morena, serenô não me molhou..."

Lídia aproximou-se da janela e elas a acompanharam. Um homem, acompanhando-se ao violão, cantava sentidamente aquela dolente canção. Lídia, então, começou a explicar-lhes quem era e o que cantava.

— E' Asclepios. Êle sempre cantava a canção para D. Guida. Ela gostava muito dessa canção. E dizem mesmo que quando ela ouve Asclepios cantar, sai do túmulo e vem ouvi-lo bem de perto.



Nesse momento, D. Consuelo chegou-se ao grupo.

— Êle não quer contar quem mandou matá-lo? Eu saberei fazê-lo falar.

O tocaieiro repetia:

— Eu confundi o senhor com seu Paulo. A tocaia era prá êle. E' êle que a gente quer matá.

— Quem mandou? — exigiu, novamente, Maurício.

Não obtendo resposta acendeu um cigarro e chegou-o aos olhos do prisioneiro. Êste gritou:

— Não! Não! Não, eu conto! Eu conto!

Sentiu-se no ar um cheiro de carne queimada e um grito de dor feriu os ares, estremecendo o coração de Helena, que observava a cena de sua janela. Nesse momento, ela resolveu descer. Tentaria impedir que aquêle crime odioso continuasse.

Já o tocaieiro confessava:

— Foi seu Jorge, o pai de D. Guida. Êle que quer matar o seu Paulo.

— Era o que eu pensava. Êsses Figueredo precisam ser exterminados o quanto antes. Êles pensam que Paulo matou Guida:

Helena encontrou-se com Lídia na varanda da casa-grande. Ela friamente observava a cena que se passava além. Impediu que Helena fôsse **até lá, dizendo:**

— Fique! Não lhe disse que isto era uma casa de loucos e de assassinos?

Helena tentou fugir para dentro, de novo. De novo Lídia a impediu, segurando-a pelo braço.

— Espere! Agora é que o espetáculo vai começar!

Nesse momento, um dos cabras soltou o cachorro, que saiu ladrando ferozmente atrás do tocaieiro, que fugiu para o bosque sempre perseguido pelo animal.

Lídia disse entre um sorriso e um olhar de morte:

— Se tiver sorte conseguirá fugir... senão será estraçalhado, como foi Guida, naquela noite, debaixo das figueiras.

★

Naquela mesma tarde, um carro chegou à

Um raio partiu ao meio uma árvore do bosque. E quando a luz inundou o bosque pôde-se ver, com extraordinária nitidez, a figura de uma mulher caminhando entre o arvoredo. Estava vestida de branco e seus longos cabelos loiros escorriam sôbre os ombros. Era uma estranha aparição.

— E' Guida! — exclamou Lidia. — E' ela! Fugiu do mausoléu e veio ouvir Asclepios...

Outro relâmpago iluminou o bosque. A estranha figura havia desaparecido.

— Ela foge sempre, agora, por sua causa, Helena. Você veio substitui-la e ela não gosta disso.

— Mentira! — protestou Helena.

Lidia apertou-lhe o pulso fortemente.

— Você quer ver, com seus próprios olhos, o caixão dela vazio?

Netinha e Helena ficaram mudas.

— Eu virei buscá-las, depois do jantar, Helena.

Lidia, depois de dizer isso, retirou-se mansamente do quarto.

Netinha tentou dissuadir Helena de ir com Lidia.

— Não vá, Leninha. Ela está louca, você não vê?

— Eu irei, Netinha. Preciso provar que não tenho mêdo dela... nem das suas invencionices.

— Mas eu vi uma mulher de branco andando pelo bosque!

A espôsa de Paulo concordou à mêdo:

— E' verdade. Eu também vi.

★

A tempestade estava prestes a cair. Os raios coruscavam nos céus e os trovões ribombavam assustadoramente. Em meio aquêle inferno, Lidia saiu, acompanhada de Helena, pelo bosque a dentro. Netinha, sem ser pressentida, acompanhou-as. Naná, a negra, que observara a saída furtiva das três, correu a avisar Paulo.

Quando estavam bem embrenhadas no bosque, a tormenta desceu. Netinha, assustada por um raio, gritou e Helena veio ao seu encontro. E as três continuaram andando dentro da mata.

Um relâmpago iluminou, na clareira, o mausoléu. Era uma construção sólida, sem nenhuma linha arquitetônica definida. Lembrava um templo grego do tempo do paganismo.

— Foi Paulo quem mandou construir para ela. Quando a Guida morreu êle ficou inconsolável. Se soubesse quem soltou os cachorros êle mataria sem piedade!



E, puxando Helena pelo braço, ordenou:

— Venha!...

As três estavam completamente molhadas e dentro da tempestade, agora, só se podiam guiar pela lamparina que brilhava dentro do mausoléu perdido na mata.

Lidia abriu o portão do mausoléu e guiou-as para dentro. De um ponto, no alto, balançando-se ao sabor do vento, pendia uma lamparina, que mal iluminava o interior do túmulo. A louca apontou-lhes um caixão:

— Veja!... Ela não está! Fugiu, outra vez! Por sua causa!

Helena e Netinha acompanharam com os olhos o dedo que apontava naquela direção e viram um caixão fechado. Elas não podiam compreender que Lídia, na sua loucura, "via" o caixão aberto. A louca começou a aproximar-se lentamente das duas. Havia uma intenção oculta no brilho de seus olhos. As duas começaram a se afastar medrosamente.

★

Um grito interrompeu a ação de Lidia. Era Paulo que chegava.

— Lidia! Abra esta porta! — gritou enèrgicamente Paulo.

— Paulo! — gritaram ao mesmo tempo Helena e Netinha.

A porta foi aberta e Paulo levou-as de volta à casa grande, enquanto que um relâmpago iluminava o semblante desvairado de Lidia.

Os dias se passaram agoniados para Helena, enquanto que, em conseqüência do aguaceiro daquela tétrica noite, permanecia prêsa ao leito com um forte resfriado.

A tarde estava encantadora e Leninha resolveu dar um passeio com Naná. Aproximaram-se do lago. Naná tentou impedi-la de ir adiante.

— Não vá. Ali é que ela costumava ficar sempre.

Leninha, sem responder, continuou o caminho.

Era, na verdade, um recanto encantador. Os cisnes vagavam nas águas e Helena começou a jogar migalhas para êles. Naná observou:

— Tal como nos outros tempos. D. Guida costumava alimentá-los assim.

Helena irritou-se.

— Basta de falar nessa mulher. Quero que saiba que não gosto disso. A espôsa de Paulo, agora, sou eu.

— Sim, d. Lena.

Helena aproximou-se e, com a ponta dos pés, provou a água.

— Está deliciosa! Gostaria de tomar um banho. Não vem ninguém aqui?

— Não, d. Lena.

— Então, vá depressa buscar uma toalha.

Naná partiu e Helena começou a se despir. Enquanto as peças caiam sôbre o tôsco banco de madeira, ela não percebia que Maurício a espreitava, escondido atrás de uma pedra.

Helena — terminando de despir-se mergulhou na lagoa e começou a nadar. Os cisnes também nadavam em tôrno dela. Depois de

(Cont. na pág. 26)







Flashes Mundiais

DE TÔDA PARTE



MADELEINE ROBINSON e MICHEL BECK, numa cena de «Le Gargon Sauvage».

DEPOIS de terminar "Dien a besoin des Hommes", Jean Delannoy, concluiu recentemente, "Le Garçon Sauvage". Ambos apresentam histórias bastante originais, e abordam temas um tanto delicados. Em "Le Garçon Sauvage", temos como principais intérpretes, a estrêla Madeleine Robinson, Frank Villard, Henri Vilbert, e o menino Michel Beck. ★ VITTORIO DE SICA está rodando presentemente, "Umberto D.", uma película da qual se tem falado muito e bem últimamente. ★ LOLA FLORES é uma das mais bonitas e promissoras estrêlas do cinema espanhol. Atualmente, Lola acha-se prêsa por longo contrato a Cesareo Gonzalez, que lhe paga 500.000 pesetas por película tendo terminado recentemente "Niebla y Sol". ★ Michele Farmer, filha da veterana Glória Swanson, trabalha atualmente na película "Iremos a Monte Carlo", que está sendo rodada na França. Anuncia-se também o próximo casamento de Michele com o diretor cinematográfico Bob Amon. ★ ROBERT SIODMAK que roda atualmente uma película na ilha de Ischia,, vem de contratar Margaret Rowland, uma bela aéro-moça, que muito o impressionou "pela beleza morena de seu tipo espanhol". ★ VEM CAUSANDO os mais desencontrados comentários a designação, por testamento, de Marion Davies, veterana estrêla, para ocupar um lugar de destaque como conselheira das indústrias Hearts. Marion foi uma grande protegida de Hearts durante mais de trinta anos, à êle devendo tôda a sua fama e fortuna.

ESTADOS UNIDOS

UM conhecido astro perdeu os olhos durante sua recente viagem de Hollywood a Filadelfia! Afortunadamente, foram encontrados uma hora mais tarde, em Nova York, pela aéro-moça, que, ao fazer a rotineira inspeção do aparelho, os achou debaixo de um assento e os enviou de novo à Filadelfia. Êstes olhos tão particulares pertenciam ao ator dó teatro e do cinema Arthur Kennedy, que foi a Filadelfia para filmar a película "Só Resta a Lembrança", da Universal-International, que foi rodada num dos centros de reabilitação para os veteranos de guerra. Os mencionados olhos são pròpriamente lentes que se colocam diretamente sôbre a cornea do ôlho, privando o ator da vista por completo, para dar maior realidade ao papel de cego que interpreta.



AVA GARDNER
(A carne e o diabo)

★

Muito equivocados estão os que creêm que ninguém quer aos homens gordos e J. Scott Smart, exemplar maiúsculo de obesidade, assim o testifica.

Sua cintura mede quase tanto como a circunferência terrestre e seu pêso chega a 117 quilos. Entretanto é admirado e querido por milhões de pessoas. O redondo ator se encontra atualmente em Hollywood ocupado em fazer uma película para a Universal-International, baseada no seu programa de rádio que se intitula "O Homem Gordo" e êle espera que sua correspondência cresça até, pelo menos, igualar seu volume, uma vez que se exiba o filme. Semanalmente, J. Scott Smart, recebe centenas de cartas de seus fãs de todo o mundo, o que demonstra que os homens gordos também são admirados. E aí está o testemunho feminino. Entre sua correspondência chegam tôdas as semanas cêrca de 90 propostas de casamento de moças que não estão muito dentro da linha e procuram casar-se com um homem que possa compreender seu problema.

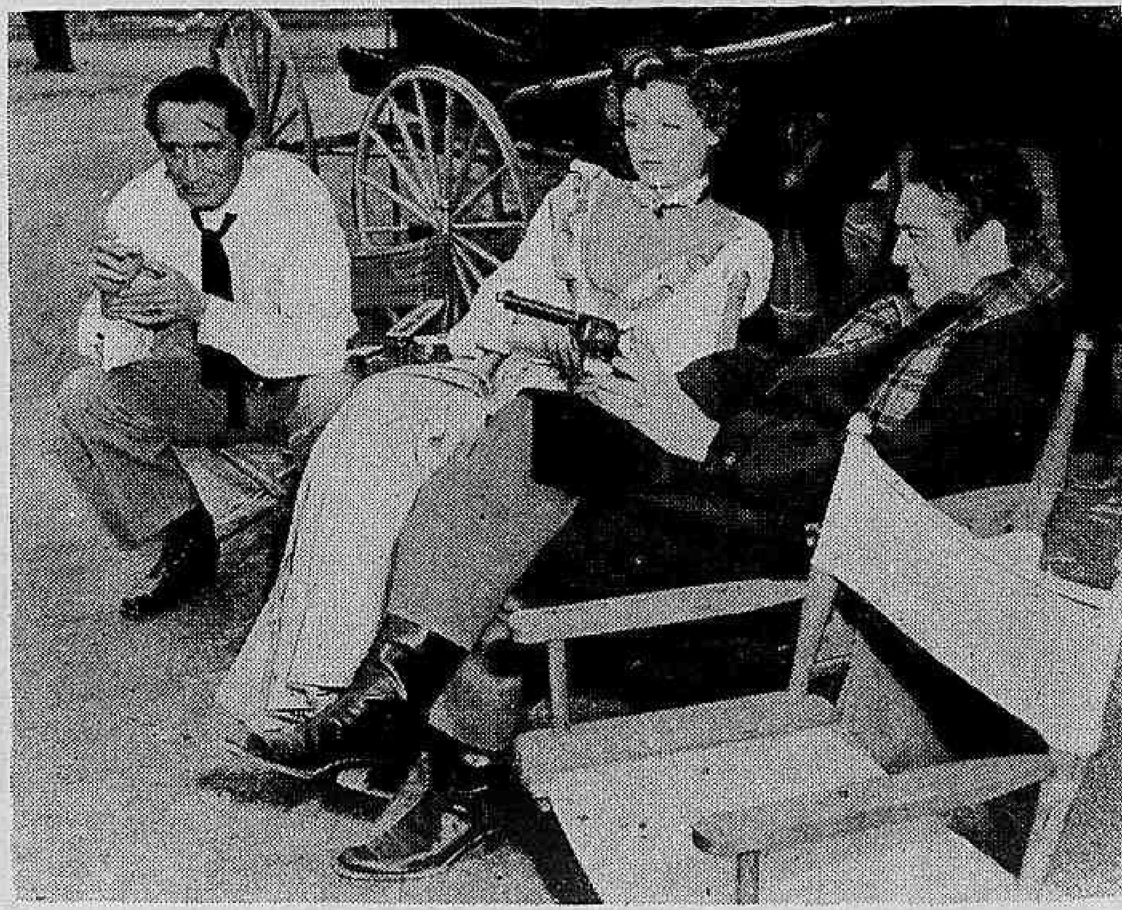
Certa dama, muito entusiasmada, lhe escreveu: "Nós dois poderiamos nos divertir à vontade. "Eu peso 140 quilos e todos os cômodos de meu apartamento têm o chão reforçado com resistentes vigas. Dansariamos felizes até que o cansaço nos vencesse". Mas ainda que Smart goste muito de baile, recusou a amável proposta.

Os homens gordos também escrevem à Smart. Sôbre tudo lhe pedem conselhos para tirar proveito de sua obesidade, como êle o fêz. Outros lhe enviam dietas que fazem maravilhas na aparência, mas Smart, tem sempre preferido continuar desfrutando tôda classe de guloseimas e conservar sua popularidade.

"Teria graça sacrificar meu paladar



NESTA CENA, vemos o ator britânico David Farrar, palestrando com Peggie Castle, ambos caracterizados, quando da filmagem de «The Golden Horde», produção da U.T., na qual, David tem como companheira a encantadora Ann Blyth.



VICTOR JORY, Alexis Smith e Mac Donald Carey são os astros que aqui vemos em animada palestra, nos estúdios da U.I., onde rodam atualmente, «The Cave», um tecnicolor cheio de emoções que tem como cenário o centro-oeste norte-americano.



DOROTHY SHAY é uma novata, que faz a sua estréia no cinema em «Comin' Round The Mountain», tendo como companheiros os cômicos Bud Abbott e Lou Costello. Vêmo-la neste instantâneo ao lado do gorducho Lou Costello.



DESTA VEZ é Bud Abbott quem resolve divertir-se com Dorothy Shay, enquanto aguardam o chamado do estúdio para entrar em cena. «Comin' Round the Mountain», é a mais nova comédia da dupla cômica.

para ficar sem trabalho e morrer de fome e de tédio". — Comenta Smart bamboleando sua figura volumosa.

★

"Dear Ruth" e "Dear Wife", que receberam, respectivamente os títulos de "Ruth querida" e "Brotinho infernal", têm uma continuação em "A PROTETORA DO BANDIDO". (Dear Brat), comédia de William Seiter (marido de Laura La Plante, lembram-se?) para a Paramount. O "plot" é uma garôta estouvada que resolve proteger um "gangster", empregando-o como jardineiro da residência de sua família... Mona Freeman faz êste papel com especial encanto, Edward Arnold, o impagável Billy De Wolfe e Lyle Bettger, completam o elenco.

★

"SOMETHING TO LIVE FOR", drama forte que George Stevens produziu e dirigiu, tem o seguinte elenco: Joan Fontaine, Ray Milland, Teresa Wright! Não acham formidável, leitores? O Interessante é que a história conta o drama de uma mulher escrava da bebida, tal como Ray o foi em "Farrapo Humano..." Joan é a viciada "Jenny Carey", atriz teatral que, como não confia em si própria, se refugia nos possíveis prazeres da álcool. Ao que parece, a irmã de Olivia tem uma "chance" como poucas. A notável Teresa Wright completa o "triângulo", tão usado e tão necessário em filmes românticos...

★

Nanette Fabray, é a mais recente aquisição da Metro-Goldwyn-Mayer. Nanette, atuava na Broadway como "estrêla" de revistas musicadas, quando o produtor Arthur Freed, lhe ofereceu um longo e vantajoso contrato. Já se acham em andamento os preparos para sua primeira aparição na tela, que segundo tudo indica se dará ao lado de Fred Astaire. Os mais recentes exitos de Nanette na Broadway foram "Make a Wish" e Arms and the Girl".

★

José Ferrer, premiado pela Academia em 1950, tem o principal papel em "ANYTHING CAN HAPPEN", da Paramount, que será, provavelmente intitulado "UM SONHO E UMA ESPERANÇA". Com um argumento de George Seaton e George Oppenheimer, êste filme conta a história de refugiados europeus e seus dramas na nova pátria que adotaram: os E. Unidos. Kim Hunter, uma boa artista um tanto esquecida, Gloria Marlowe e a grande trágica russa Eugenie Leontovitch, fazem os outros papéis.

★

"A CARNE E O DIABO", um dos grandes clássicos do cinema silencioso, estrelado pela dupla imortal Greta Garbo-John Gilbert, será novamente filmada pela Metro-Goldwyn-Mayer, tendo Clarence Brown como diretor, enquanto que a primeira foi dirigida por Irving Thalberg. Nesta nova versão os papéis principais estando entregues a Ava Gardner, Ricardo Montalban e Fernando Lamas.

★

Já foi lançado nos E. Unidos a nova espetacular produção de Cecil B. De-Mille "THE GREATEST SHOW ON EARTH". Como sabem, é em technicolor e sua ação tem lugar num colossal circo. Intérpretes: Dorothy Lamour, Cornel Wilde, James Stewart, Betty Hutton, Charlton Heston, Gloria Graham e muitos outros.

PORTUGAL

Produzido *por Richardo Malheiro, Leitão de Barros dirige presentemente a realização de um documentário de média metragem, que tem por título, "A Última Rainha de Portugal", em que é focalizada a personalidade da Rainha D. Amélia de Orleans e Bragança. Constituindo êsse filme um esquema biográfico, onde serão incluídos, além de imagens do Palácio de Bellevue, em Versailles, residência atual da Rainha, interiores do Palácio Ducal de Vila Viçosa, antiga residência real. Igualmente, em Sintra, foram filmadas, no palácio da Quinta da Vigia, várias recordações inéditos da antiga soberana, e que se encontram na posse da senhora condessa da Seisal, que foi, durante muitos anos, primeira aia da Rainha e sua íntima amiga. No filme, que se encontra quase concluido, a própria Rainha pronuncia, para os portugueses e brasileiros, comovedoras palavras*

★

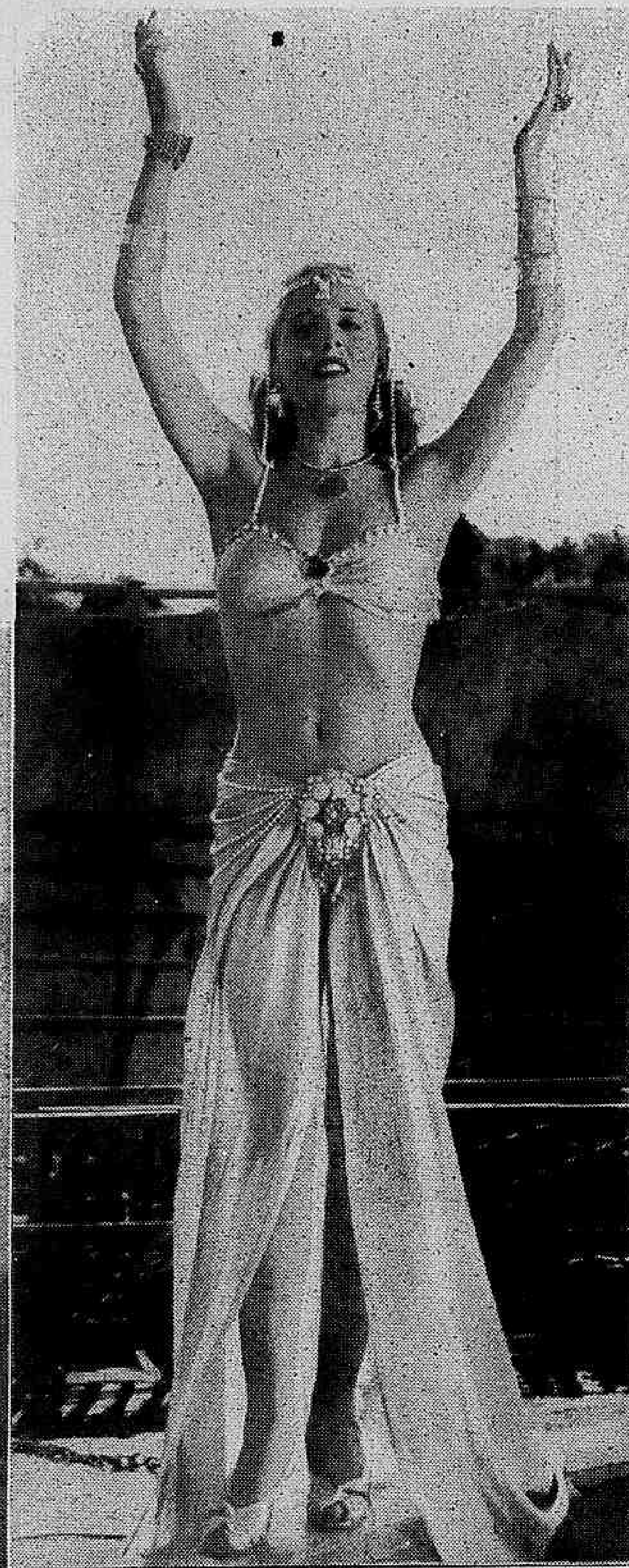
Filipe Solmes, *que se encontra presentemente em Moçambique, vai produzir, com a colaboração de importantes personagens daquela província ultramarina, um filme de grande metragem, que será inteiramente realizado em Moçambique, sendo também moçambicanos os seus principais intérpretes. O filme que se intitula "Chikwembo", tem por intérpretes Leonor Maia, uma das nossas mais simpáticas, talentosas e elegantes atrizes a qual, circunstância curiosa, é natural de Lourenço Marques, a capital de Moçambique, para onde partiu, já, de Lisboa Carlos de Andrade o famoso caçador Alberto Araújo e Moreira da Silva.*

★

O realizador *francês de documentários, Georges Regnier que ainda recentemente concluiu um filme que foi muito festejado, "Oasis", estêve alguns dias em Lisboa para filmar aspectos da capital do país a fim de serem incluídos num filme sôbre segurança aérea, produzido pela organização E. C. A. Foram filmados numerosos aspectos do aeroporto de Lisboa além de outros relacionados com as equipagens, linhas aéreas, aviões, etc., de acôrdo com os planos de reconstrução européia.*



**LEITÃO DE BARROS
(A última Rainha de Portugal)**



A NOVA "Bomba"...

ACONTECE o seguinte: bem, quer dizer... assim como, aliás... não, não é bem isso. Vamos começar tudo de novo: vocês estão vendo essa menina, não estão lendo êste texto, não adianta prosseguir. Mas convém, ao menos, dar o nome da menina, pois temos certeza que há muita gente curiosa a respeito dessa "bomba" que aparecerá num dos próximos lançamentos da Vera Cruz. Chama-se Leila Parisi e é uma das irmãs Parisi, que fizeram sucesso no teatro musicado do Rio. Leila encontra-se atualmente em São Paulo, trabalhando no cinema. Aparecerá, assim como está sem tirar nem pôr (também não tem mais o que tirar) no filme "Sai da Frente", um carnavalesco dos estúdios de São Bernardo dos Campos. Bem quer dizer... o fato é que... logo, subentende-se... pois é... mas já que o lugar do texto foi preenchido, cremos que não é preciso mais nada... Por hoje é só, e é quanto basta.







Anselmo Duarte, o galã, não estava muito acostumado ao clima de São Paulo. Zequinha de Abreu também sentia frio, como se vê...

CINEMA NACIONAL ABAIXO DE ZERO

DURANTE as filmagens das últimas cenas de "Tico-Tico no Fubá", nos estúdios da Vera Cruz, o frio era intenso. Apesar disso, astros e técnicos não encontravam desculpas para ficarem em casa, e seu horário de trabalho estendeu-se de 8 da manhã às 8 da noite, enquanto o termômetro marcava 5 gráus abaixo de zero. O tempo estipulado para o acabamento total do filme já havia sido ultrapassado. Por isso, era preciso redobrar os esforços. A colaboração foi total. Êstes flagrantes, enviados com absoluta exclusividade para "A CENA", nos mostram como se portavam elementos da equipe de filmagem.



Chick Fowle, diretor de fotografia, amarra um lenço no queixo para não bater os dentes. Jerry Fletcher, diretor de «make-up», deve ter usado algum preparado especial na pele...



Adolfo Celi e Tônia Carrero saboream um cafézinho. Apesar do frio, Tônia devia enfrentar uma chuva artificial.



Quando o frio aumenta, novo cafézinho é servido. Fernando de Barros, o produtor, faz questão que os artistas se sintam dispostos a trabalhar.



Anselmo Duarte auxilia Tônia a subir no cavalo, para uma cena no circo. Aqui o calor aumenta um pouco e a estrêla sorri satisfeita, enquanto Anselmo vai tomar um drinque...



Tônia Carrero despede-se de seus agasalhos para enfrentar a câmara. A qualquer sinal de frio, o diretor grita: «Corte» — e um novo cafézinho será servido...

PROBLEMAS HUMANOS

Dr. LUÍS FRAGA

À LUZ DA PSICANÁLISE

COMPLEXO DE CULPA

II

MÁRIO HOMEM é engenheiro civil, de 45 anos, casado e econômicamente independente. E' um profissional culto e um tanto egoísta. Apesar do brilhantismo de seu espírito é indeciso e não confia em suas qualidades que, de um modo geral, são apreciáveis. Procurou-nos algumas vêzes, ousando discutir questões gerais mas, sensivelmente individualista.

M.H.: — Eu sou adepto da esterilização, doutor. Maximé em se tratando de um povo como o nosso, doente e atrasado.

MÉDICO: — Êste ponto de vista, conjugando-se com o conceito progressivamente vitorioso de que os interêsses individuais só se tornam legítimos quando coincidem com o bem estar social.

M.H.: — E daí, doutor?

MÉDICO: — Faz-se necessário a adoção de medidas cada vez mais generalizadas e vigorosas para impedir a multiplicação dos elementos indesejáveis.

M H.: — E a hereditariedade?

MÉDICO: — A evolução conseguida no sentido de estancar o curso das hereditariedades taradas já se tornou bastante considerável, para concretizar-se em preceitos consagrados no direito positivo dos povos mais avançados.

M.H.: — Então o doutor concorda em eliminar os indesejáveis...

MÉDICO: — O problema engênico não se restringe à eliminação dos indesejáveis. A moderna genética deve atender à remoção de tôdas as causas disgênicas decorrentes do dinamismo social. E' imprescindível criar condições sociais propícias, à multiplicação dos elementos superiores, ao tempo em que se estanque a nefasta atividade procriadora dos degenerados.

M.H.: — Não nos cabe, então interromper uma gestação, quando a certeza da degenerescência nos inspire a fazê-lo?

MÉDICO: — Não. Nem ao sr., que é engenheiro, nem mesmo ao médico. Sob a pressão das correntes sentimentais, em cuja origem a personalidade e a ideologia de Rousseau desempenharam importante papel, pôsto que essa corrente se tenha tornado uma fôrça orientadora do democratismo da revolução francesa do século XIX, desenvolvem-se no mundo ocidental um sistema de filantropismo politico, que visou uma inversão seletiva dos valores sociais.

M.H.: — Mas é o mundo civilizado que o aconselha.

MÉDICO: — E' um assunto muito delicado que impõe muita cautela, pois que envolve o perigo inerente a tôdas as generalizações desmedidas. Isto implicaria no êrro da tentativa de ataque frontal as tendências predominantes de uma época.

M.H.: — E sob o ponto de vista filantrópico?

MÉDICO: — Basta a simples consideração do consenso de opinião favorável ao desenvolvimento dessas atividades benevolentes, para que um espírito equilibrado relute em assumir atitudes radicais, opondo corolários extremos, lógicos, de qualquer ideologia às conclusões empíricas de uma intuição tão universal. E' necessário se imponha uma revisão sèvera dos métodos modernos de filantropia, a fim de impedir que os seus generosos intuitos sejam convertidos em fator temível de enfraquecimento da sociedade.

COUPON

Nome: ....

Pseudônimo: ....

Data do nascimento ....

Estado civil: ....

Profissão: ....

Residência ....

A falta de harmonia entre as condições econômico-sociais das famílias e dos indivíduos, determinou um dos efeitos mais importantes da promiscuidade genética, redundando na obliteração das linhas de diferenciação bio-psíquica das classes sociais.

H. Homem vem alimentando o seu complexo de culpa, desde a sua adolescência, quando ainda estudante da Politécnica. Pelo fato de, já naquela época, folhear os escritores chamados revolucionários, seus colegas e conhecidos insuflavam a sua vaidade, impulsionando à posição de líder.

Certa vez um companheiro procurou-o, transmitindo-lhe as suas preocupações: engravidara numa operária e, dois meses após, tivera de seu médico uma sentença cruel: estava sifilítico, portador dum cancro venéreo.

H. Homem juntou à sentença do facultativo a sua sentença: interromper a gestação. Foi procurada uma curiosa que praticou o infanticídio. A mãe frustada teve uma infecção, demorando-se quase um mês num hospital para onde fôra transportada. Pedro José o amigo de M. Homem estêve a ponto de enlouquecer. Felizmente, para os três, a infeliz restabelecera-se.

Daí até a data em que fomos procurados, M. Homem viu-se apossado do "complexo de culpa e duma indecisão mórbida".

Procurou fugir às duas cousas, baldadamente, lendo e discutindo com quantas pessoas "topassem a parada".

M. HOMEM: — Mesmo o doutor topou a parada de discutir comigo. Felizmente a sua dialética foi mais forte.

MÉDICO: — Mais lógica, o senhor quer dizer. E mais humana.

A vida humana pertence a Deus. Ninguém, sob qualquer pretexto, tem o direito de interrompê-la.

M. HOMEM: — Nem mesmo o médico, em caso de eutanásia?

MÉDICO: — A eutanásia é um crime.

M. Homem submeteu-se ao tratamento racional e hoje é um homem livre de complexos.

CORRESPONDÊNCIA

GEORGINA — D. F. — A educação solucionará o caso de sua sobrinha.

MARGARIDA — D. F. — Faça um exame ginecológico. Não é um caso para psicanálise.

J. PEREIRA — E' questão de metabolismo. Não continue tomando barbitúrico, com que você viciar-se-ia.

DENISE — Faça um relatório mais preciso.

GLÓRIA — Vou responder à sua pergunta, falando sôbre a "dor", no próximo artigo.



CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

Todos os relatórios destinados à esta seção, deverão ser endereçados para:

Dr. LUÍS FRAGA

Redação de A CENA

Rua Visconde Maranguape, 15

Seção "Problemas Humanos"

Rio de Janeiro.



Emilinha Borba

(Foto HALFELD)

Fada Santoro
(Foto ÁVILA)

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. - Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

MEU DESTINO É . . .

(Cont. da pág. 29)

Maurício desesperado gritou-lhe, então:

— Se você quer ficar fique. Eu fujo!

Nesse momento, a mulher virou-se com um revólver na mão e intimou-lhe:

— Fique. Você está ligado a mim até à morte, Maurício.

Maurício tentou fugir e ela deu ao gatilho. O homem tombou pesadamente, justamente no instante em que o grupo chegava ao local a tempo ainda de Paulo poder amparar o irmão atingido.

Outro tiro ecoou no bosque — partindo de dentro da cabana. Os Figueiredo, acompanhados de Lídia, foram os primeiros a chegar à cabana.

Lídia, ao ver a mulher, não conseguiu abafar um grito.

— Oh!... E' Guida!

— Não, é Regina, nossa irmã. Irmã de Guida, também — explicou um dos jovens do seu Jorge.

— Quem diria que ela estava escondida aqui — completou o outro.

★

Como no primeiro dia em que êles chegaram à Fazenda Santa Maria, Paulo parou o carro e desceu para abrir a porteira. A diferença era que, desta vez, êles iam sair e o dia era lindo e pleno de sol... e êles se amavam de verdade!

D. Consuelo, tricotando suas malhas, estranhou a saída do filho e perguntou ao pai, que fumava tranqüilamente na varanda da casa-grande.

— Onde vão o Paulo e a Leninha?

— Vão ver o dr. Borborema, na cidade.

— Por quê? Quem está doente?

O vovô, sorrindo maliciosamente, explicou:

— Então você não sabe? Você vai ser vovó, minha filha.

As mãos de D. Consuelo correram ao cêsto onde estavam os novelos de lã. Um novelo branco, sempre esquecido, veio agora às suas mãos e estas velozmente começaram a dar os primeiros pontos da primeira roupinha do enxoval do tão esperado netinho, enquanto que duas lágrimas rolavam dos olhos de D. Consuelo...

FIM

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO, 4289 - S. PAULO
Peça prospectos



COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



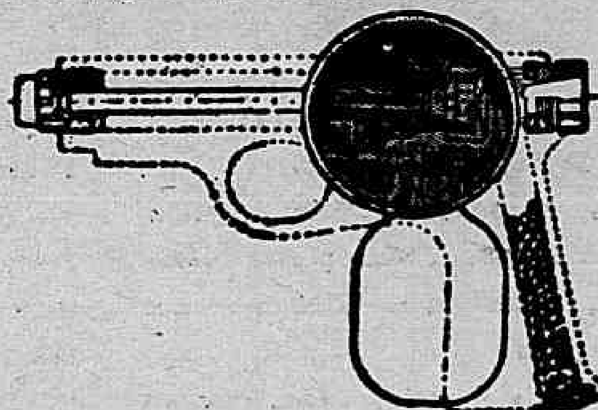
Com a nova dança «Baião», Samba liso e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também, nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A Pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

FABRICADA POR
ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA
RUA URUGUAIANA, 104
Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, uma desentupidor, uma alça de mira 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250.00 pelo REEMBOLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL, sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMATIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....
Endereço ....
Cidade .... Estado ....

ESTÁ À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS

EU SEI TUDO

EDIÇÃO DE NOVEMBRO



MEU DESTINO É PECAR

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 15)

algumas braçadas, Helena percebeu que Maurício, lá do outro lado do lago, gritava:

— Helena!... Não fuja!... Espere.

Leninha vestiu-se ràpidamente. Em seguida, tomou a estrada do bosque à tôda pressa. Maurício, mais veloz, alcançou-a. Tomou-a nos braços e tentou beijá-la.

— Será que você não percebe, Lena, que eu a quero, que a amo?!... — exclamava sofrègamente, enquanto seus lábios procuravam os de Leninha.

A jovem, lutando desesperadamente, conseguiu desvencilhar-se e tornou a correr. Maurício tornou a segurá-la, logo adiante, e ambos foram violentamente ao chão. Leninha — instintivamente — apanhou um galho de árvore e com êle espancou com tôdas as fôrças a Maurício. Êste lhe deu uma trégua e ela conseguiu fugir...

Ao entrar na clareira da fazenda, percebeu que Lidia a observava. Só então viu que estava com os cabelos soltos e despenteados, a roupa suja e em desalinho...

Lidia sorriu maldosamente quando viu surgir, logo atrás de Helena, a figura insinuante e sorridente de Maurício...

Paulo disse a Helena que precisava falar-lhe e para isso foram até a Pedra Grande. Ali, Paulo contou à sua mulher que ia partir. Havia chegado um médico novo na cidade, o dr. Borborema, e êste lhe garantiu que, com uma ligeira intervenção cirúrgica, poderia curar a sua perna. Contou-lhe, então, que fôra tentando salvar sua espôsa, na noite em que os cães ferozes a atacaram, que tinha sido mordido por um dêles e que, depois disso, nunca mais pudera andar normalmente. Tinha esperanças, agora, de curar-se. E arriscou:

— Quem sabe se esta separação não fará com que venhamos a nos compreender melhor ?

— Tem razão, Paulo. Quem sabe? Devo confessar, porém, e sinceramente, que sentirei imensamente a sua falta durante êsses dias todos.

— Obrigado, Leninha.

A espôsa — sòmente nesse dia e nesse momento — sentiu que começava a amar realmente ao marido. Sentia a partida de Paulo, mas ao mesmo tempo a bendizia porque ela a fizera compreender que o amava.

Sim!... Amava a Paulo. Sua revolta era apenas contra as circunstâncias que cercaram o seu casamento.

★

Enquanto Paulo estava fora, num hospital, os dias se passaram arrastados na Fazenda Santa Maria. Fora mais uma tocaia dos Figueredo e mais uma aparição da dama misteriosa, nada perturbara o sossêgo daquele casarão perdido no sertão bruto.

Paulo — que nunca tivera a coragem de dizer a Helena que a amava, quando estava junto dela, agora escrevera-lhe do hospital, pouco antes da operação, uma sentida e amorosa carta, confessando que a amava de todo o coração.

Helena havia acabado de ler a carta de Paulo e se encaminhava, pelo corredor, para o quarto de Netinha, que ainda estava acamada, quando foi abordada por Maurício.

— Perdoe-me pelo que fiz outro dia, Lena.

Helena — revoltada — olhando bem nos olhos do cunhado, explodiu:

— Você é um cínico! Não tem vergonha de perseguir a mulher de seu irmão?

— Que me importa com quem a mulher que eu amo é casada? Eu quero a mulher, não a espôsa de Paulo.

Lidia, que estava subindo com o chá para Netinha, ouviu tôda a conversa no corredor. Ao



ver que Maurício tentava beijar Leninha, fêz-se aparecer, desfazendo-lhe a intenção.

★



Naquela noite a macumba, no terreiro de Nhá Zefa, estava agitada.

E, no interior da miserável cabana, Nhá Zefa atendia a uma "cliente". A "cliente" não era outra senão a prima de Maurício — Lídia.

— Que é que você trouxe, Lídia? — perguntou a velha macumbeira.

— Trouxe as velas e a roupa dêle.

— Que mais?

— Trezentos cruzeiros e êste anel, chega?

— Chega!

— Não estou contente, Nhá Zefa. Maurício ainda não voltou prá mim.

— Mas êle volta. E' preciso tempo. Vou fazer um "despacho" desta vez que não falha, minha filha.

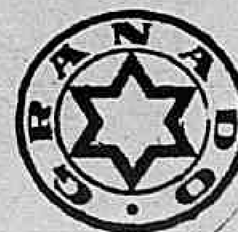
— Já começo a duvidar.

— Aí é que está o êrro. E' preciso ter fé no "trabalho". Você vai ver como Maurício volta para os seus braços, Lídia.









O SEGREDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornado-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável [illegible]o suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

[illegible]a inteligente! não espere engordar mais, tome de hoje em diante VINHO [illegible]ICO MINEIRO que conservará o seu [illegible] A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. [illegible]a no tratamento e depois do terceiro [illegible] corpo tomará linhas firmes [illegible] adquirindo forma ele[illegible] [illegible] mulher moderna.

[illegible]TIFARMA

[illegible] 26 2º sala 6
[illegible] PAULO
[illegible] pelo Reembolso



CALVICIE PRECOCE
Como evitá-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
Super eficaz contra
QUÉDA DOS CABELOS

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda

Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

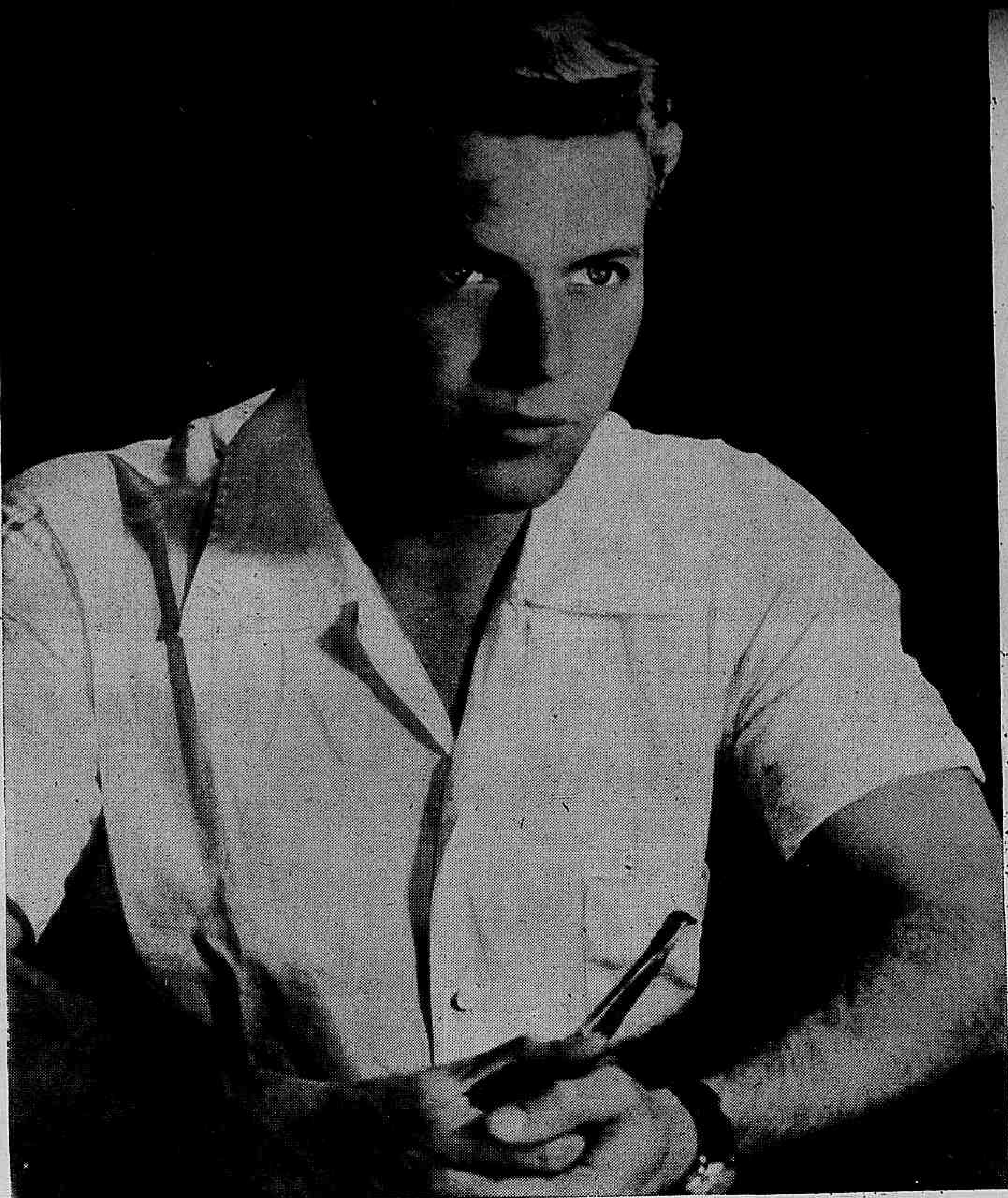
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. —Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50.00



Lentamente, a velha começou a enrolar a roupa de Maurício, enquanto com a ponta do cigarro fazia buracos numa fotografia do primo de Lídia.

Na casa dos Figueredo — inimigos de Paulo — estavam todos reunidos. Jorge esclarecia que, de uma vez por tôdas, Paulo precisava ser liquidado.



— Vocês estão cada vez pior, meus filhos. Há três meses que andam tocaiando Paulo e não acertam. E ainda confundem Paulo com Mauricio.

Um dos filhos protestou:

— A culpa não é nossa. Paulo, depois que casou outra vez, não tem aparecido. Dizem mesmo que êle anda pela cidade, curando a perna. Depois temos andado à procura de nossa irmã Regina, também.

— De fato, precisamos procurar Regina, que há seis meses desapareceu de casa. Mas antes precisamos vingar a morte de Guida, que Paulo matou quando soltou os cachorros, naquela noite. Primeiro Guida, depois iremos procurar Regina.

— Que devemos fazer?

— Vão vocês sair de tocaia esta noite. E se não encontrarem Paulo me tragam a mulher dêle. Assim, faremos com que êle apareça.

★

Ao longe podia-se ouvir, ainda, o batuque da macumba que, como sempre, varava a noite. Os negros dançavam até o cansaço os exgotarem definitivamente, quando então rolavam por terra e se deixavam ficar até o sol os chamar para o trabalho.

Da janela de seu quarto, Leninha, viu, novamente, a figura da estranha mulher, que diziam ser o fantasma da primeira mulher de Paulo.

Mais habituada àquele ambiente, agora, Leninha resolveu, sòzinha, descobrir o mistério que envolvia aquela figura. E resolveu descer para abordar o "fantasma"...

Naná, que vinha de alimentar o cão, deparou com a estranha figura de mulher e não pôde prender uma exclamação de horror!

— Oh! A senhora!

— Sim, sou eu, Naná — falou o "fantasma". — E preciso que você me ajude. Preciso ver Maurício, agora mesmo.

— Mas não é possivel. Êle já foi deitar.

— Preciso vê-lo esta noite, de qualquer maneira. E você não conte a ninguém que me viu, pois sou muito mulher para me matar no mesmo instante em que êles saibam da verdade. E o remorso a perseguirá por tôda a vida!

Naná, amedrontada, perguntou:

— Que devo dizer a êle, então, sinhá?

— Que o espero na cabana do lago, esta noite mesmo, e que se êle faltar me mato!

Dizendo isto o "fantasma" desapareceu no bosque, arrastando a longa saia branca e os cabelos louros e longos esvoaçando ao vento.

Todo êsse diálogo, entretanto, fôra ouvido por Leninha, que estava escondida atrás de uma moita, bem próxima das duas personagens. Leninha resolveu seguir o "fantasma" — mas, nesse momento, foi agarrada violentamente pelos dois filhos de "seu" Jorge.

— Já que não podemos apanhar o Paulo, vamos levar esta pombinha!

Helena gritou por socorro!

Seus gritos foram ouvidos e os cabras que — como sempre — estavam armados, correram em seu auxilio.

Na casa-grande também o alvorôço não foi menor e todos correram para auxiliá-la, inclusive Paulo, que acabara de regressar da cidade.

O grupo corria através do bosque em auxilio de Leninha. À frente dêles ia Paulo que podia-se ver perfeitamente, estava completamente curado.

Os cabras tentavam matar os filhos dos Figueredo, quando o grupo chegou junto a êles. Paulo impediu que os seus ex-cunhados fôssem assassinados. Leninha explicou-lhes o que estava fazendo naquele local.

— Guida não morreu, Paulo, ela ainda vive. Ainda há pouco mandou dizer a Mauricio que queria vê-lo esta noite na cabana do lago. Êles vivem juntos, lá. Não é verdade, Naná?

A negra, sem dizer uma palavra, assentiu com a cabeça.

Nesse momento, Maurício, que estava com o grupo, disparou pelo bosque a dentro.

— Vejam! Mauricio fugiu — gritou um dos Figueredo.

Paulo resolveu segui-lo. E o grupo todo o acompanhou.

★

Na cabana do lago, a estranha mulher de



cabelos louros esperava por Maurício. Êste chegou correndo e gritando:

— Precisamos fugir. Êles já sabem de tudo. Seus irmãos vêm ai para matar-nos. Precisamos fugir.

A mulher limitou-se a responder:

— Não fugirei.

— Mas não compreende que, se não fugirmos, será o fim?

— Prefiro que seja o fim. Estou cansada de viver escondida, qual um fantasma a errar pelo bosque tôdas as noites. E tudo isso tenho feito por um cinico como você.

— Mas eu sempre a amei.

— Sim. Mas não pôde deixar de seduzir Lidia e agora anda tentando a nova cunhada. Exatamente como fêz com a outra.

(*Cont. na pág.* 25)





Marlene
(Foto HALFELD)

Melodias para VOCÊ

MÚSICA BRASILEIRA

DIFERENTE
(Samba)

Letra e gravação de Joel de Almeida.

Antigamente p'ra casar não era nada
Era pedir sòmente a mãe da namorada. (*Bis*)

Mas hoje em dia a coisa é muito diferente
Tanto problema que enlouquece a tôda gente. (*Bis*)
Não, não, não pode ser
Não posso me conformar
Tenho dinheiro
Tenho noiva tenho tudo
Mas não tenho o principal:
Que é uma casa p'ra morar
Estou vendo a hora
Que de um momento a outro
Minha noiva se arrepende
E não quer mais se casar
Juro confesso com todo o fervor.

★

MEU CÉU É VOCÊ
(Samba-Canção)

De Mariano Pinto e Gilberto Panicali — Gravação de Ernani Filho.

I

Eu cansei de pedir amor
E você me negou
Já pedi até por favor
E você não ligou
Se eu pudesse uma vez beijar
Êsses lábios de mel
Se você me desse um olhar
Eu teria o meu céu.

II

Já rezei reza a besse
E a oração não resolveu
Já fiz uma promessa
E o meu amor não me atendeu.
....
Se eu pudesse uma vez beijar
Êsses lábios de mel
Se você me desse um olhar
Eu teria o meu céu.

MEU DESTINO
(Samba)

De Dunga — Gravação de Nuno Roland.

Meu destino é esperar
Por alguém que não vem,
Meu destino é amar, sofrer, chorar
Viver sem ninguém...
Meu destino é pagar,
O que eu não comprei,
Meu destino é cumprir
A pena de um mal que eu mesmo não sei.

Por que, meu Senhor
Eu sofro demais?!
Porque êsse amor
Provoca os meus ais...
Meu destino é esperar
Por alguém que não vem,
Meu destino é amar, sofrer, chorar,
Viver sem ninguém...

★

VOCÊ FOI MAIS UMA
(Samba)

De Cícero Nunes — Gravação de 4 Ases e 1 Coringa.

I

Quando você
Desocupou meu coração
Já havia outra
Esperando habitação
Você passou
Como outras tem passado
Você se enganou
Eu não estava apaixonado.

II

Você foi mais uma
Que cruzou o meu caminho
Você foi mais uma
A quem dei o meu carinho
Você foi mais uma
Que me deu inspiração
Você foi mais uma
Que ficou na coleção.

A PEDIDOS

OS DIAS QUE LHE DEI

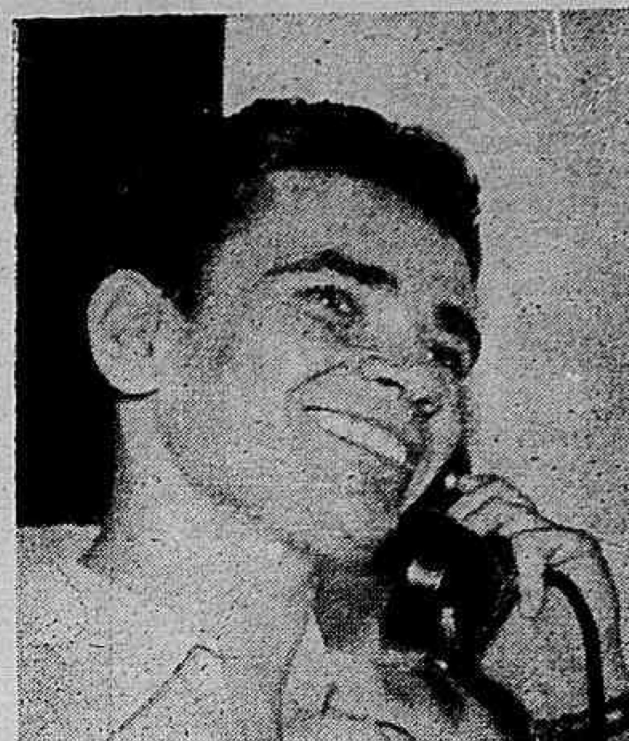
(Samba-Canção)

De Newton Teixeira — Gravação de Linda Rodrigues.

Doi muito saber
Que você já não me quer
Doi muito sofrer
Nesta louca solidão
Doi muito pensar
Que eu fiz tudo por você
E no entanto a recompensa
Que você veio me dar
Foi tratar-me com carinho
P'ra depois me abandonar.

O mal que você me fêz
Algum dia há de pagar
Êste mundo é mesmo assim
Também sabe condenar
E você há de chorar
Todo pranto que eu chorei
Pela sua ingratidão
Pelos dias que eu lhe dei.

CARTAZ DO MOMENTO



FRANCISCO CARLOS

Quem te chama sou eu

(Samba)

De Oldemar Magalhães, Eden Silva e Anibal Silva — Gravação de Francisco Carlos.

Estamos separados
A mais de um mês
Porque não voltas
Outra vez
Pra êste lar que ainda é teu
A nossa amizade não morreu
Volta meu amor
Quem te chama sou eu
Quem te chama sou eu.

Volta pra minha companhia
Eu te espero noite e dia
O nosso amor não morreu
Quem te chama sou eu.

ÉS BANAL
(Samba)

De Hélio Ribeiro e Álvaro Xavier — Gravação de Gilberto Alves

Tu não sabes nem queres saber
Qual o valor de uma nobre mulher
Tu não sabes se tens coração
Ou se tens desconheces o que êle quer
Tu não sabes te impor com o orgulho
Perante a ironia da sociedade
Sòmente o que pesa na tua balança
E' a ausência de personalidade.

És banal como um colibri
Que por qualquer perfume se deixa atrair
És como a borboleta que de flôr em flôr
Vive a se iludir
És banal como a vespa nociva
Que transmite sòmente
O micróbio e a dor
És banal finalmente porque
Não sabes vender
Caro o teu amor.



Abílio Pereira de A'meida resolveu ser diret~r. Fêz um filme popu'ar, rodado, em grande parte, em exteriores. Gastou cêrca de um milhão e quinhentos mil cruzeiros. Sairá bem da nova experiência?

ABÍLIO ABRE UM NOVO CAMINHO

FOI PROFESSOR DE MATEMÁTICA, DEPOIS ADVOGADO E PILÔTO CIVIL. DE ASTRÔNOMO AMADOR PASSOU A TRATAR COM "ESTRÊLAS" DE CARNE E OSSO — DE ATOR A AUTOR DE TEATRO — PRIMEIRO FILME: ATOR — SEGUNDO: ARGUMENTISTA — TERCEIRO: PRODUTOR — QUARTO: DIRETOR

De PAULO KALAMAR — (Especial para A CENA)



Mazaroppi, cômico de «Sai da Frente», Carlo Zampari, administrador dos estúdios Vera Cruz, e Abílio combinam certos detalhes de filmagem.

S O PAULO, novembro — A Vera Cruz iniciou suas atividades com planos muito elevados, muito altos. "Caiçara" foi anunciado como uma produção do planalto abençoado para o mundo". Depois, veiu "Terra é sempre terra". "Ângela" é também um filme pretencioso, com grandes cenários, filmagens em locação, viagens de eqüipes para o sul. "Tico-Tico" teve um orçamento de super-produção. Enquanto isso, muito na surdina, sem publicidade e sem alarde, Abílio P. de Almeida resolveu tentar um novo caminho, alí mesmo, nos próprios estúdios de S. Bernardo do Campo: — êle já tem pronto um filme que promete uma bilheteria muito compensadora, feito dentro de um orçamento elevado para as demais produtoras nacionais, mas considerado modesto para a Vera Cruz. O seu "Sai da frente" não teria custado mais que um milhão e meio Um filme barato, popular, feito para o povo, contando uma história que o povo vai gostar.

★

Abílio P. de Almeida deve ter um lema: "Fazer". Êle foi professor de matemática, pilôto cívil, astrônomo amador (devia ser bem mais fácil lidar com as "estrêlas" do céu do que com as "estrêlas" do cinema, não, Abílio?). Um dia se interessou por teatro. E não ficou discutindo estèrilmente o assunto. Virou ator amador. Fundou um grupo. E se tornou um artista conciente, que ganhou logo a simpatia do público e os aplausos da crítica. De ator para autor foi um pulo, Abílio resolveu também fazer as peças. Venceu também, ganhando sem "pistolões" o primeiro prêmio de um concurso do Departamento de Cultura da Municipalidade paulista.

Quando Adolfo Celi chegou da Itália, contratado pelo Teatro Brasileiro de Comédia, escolheu para inaugurar a fase profissional daquele teatro, entregando-lhe o principal papel de "Nick-Bar", a peça que entre outros méritos teve o de originar o atualmente famoso e falado "Nick-Bar", de S. Paulo. Depois veiu Cavalcanti. E Abílio teve também que aderir ao cinema, ganhando um dos principais papéis de "Caiçara". E foi o próprio Cavalcanti, um "expert" internacional, quem escolheu "Paiol Velho", argumento de Abílio, para fazer o segundo filme dos estúdios de S. Bernardo. No seu primeiro filme, Abílio foi simplesmente ator. No segundo, além de intérprete, escreveu o argumento. E sua carreira prosseguiu, vertiginosamente, estreando como co-produtor e co-diretor, em "Angela", onde também continuou aparecendo como ator.

★

Na verdade, Abílio foi mais produtor que diretor, em "Angela". Já em "Sai da frente", Tom Payne se encarregou da produção, entregando a Abílio a direção do filme. Êle é o primeiro brasileiro a dirigir um filme em S. Bernardo. Os muito entendidos em cinema talvez não façam muita fé em Abílio. Outros preferem acreditar. O jovem que venceu na advogacia, constituindo uma das maiores



MAZAROPPI
Grande cômico da televisão paulista, fará sua estréia no cinema no filme de estréia de Abílio Pereira de Almeida como diretor.

bancas da capital paulista; o amador que se impos dêste de início, como ator; o ator que triunfou como diretor; o diretor que venceu como produtor de teatro, organizando a companhia que inaugurou o Teatro Copacabana; o amador que estreou no profissionalismo criando o papel interpretado por Vitorio de Sicca, no teatro italiano, logrando uma das melhores performances do ano; o ator de teatro que estreou em "Caiçara", seu primeiro contacto com o cinema; que logo no seu segundo filme já se firmou como argumentista, que em "Angela" estreou como produtor e diretor, associado ao Tom Payne; conheceria seu primeiro revéz, se falhasse agora, pela primeira vez, num empreendimento em que está dedicando tôda a sua inteligência e dedicação.

★

Abílio P. de Almeida quando resolveu dirigir um filme, talvez ainda não tivesse dominado integralmente a técnica cinematográfica. Mas tratou de se enveredar por um novo caminho, dentro da Vera Cruz: — os filmes populares, feitos para o povo. Tom Payne lhe forneceu uma história simples, sem pretenções, principalmente humana, muito humana: o filme conta a vida de um motorista de um velho (bem velho mesmo) caminhão de aluguel. O filme começa quando começa o dia, num cortiço, onde mora o chauffeur. E termina depois de contar tôdas as peripecias do dia, quando a noite já vem chegando e o "Anastácio" vai recolher-se.

★

Em primeiro lugar, depois de ter a história, Abílio tratou de organizar um "cast" de artistas conhecidos e de agrado do povo. Deu ao Mazzaropi o melhor papel, o de protagonista. Mazzaropi é um "astro" de rádio, que ganhou uma tremenda popularidade, com o advento da TV. Seu "cartaz", em S. Paulo, é igual ao do Oscarito no Rio, por exemplo. Ludy Velloso, "estrêla" de teatro tem também um papel. Depois Abílio "encaixou" no "Sai da Frente" a bomba-atômica Leila Parisi, que promete tornar-se um caso muito sério no cinema nacional. Uma pin-up-girl autêntica, que fecha o comércio. Solange Rivera, do rádio, teve também uma boa parte. A. C. Carvalho, do TBC, aceitou um papel de "judeu" que vai torná-lo também um nome popular entre os frequentadores de cinemas. Com êstes integrantes, filmando quase sempre em exteriores, mas com uma equipe técnica muito boa (praticam entre a mesma que fez "Caiçara" e "Angela"), Abílio P. de Almeida fêz, muito na surdina, o seu filme.

Os que já viram o "copião" deram muitas risadas. Gostaram do filme e sairam do estúdio, com a certeza que desta vez a Vera Cruz acertou. "Sai da frente" é uma "bomba" que foi manipulada por um sugeito modesto, sem farois, que vai inscrever seu nome no rol dos bons diretores de cinema nascidos no Brasil. Uma autêntica prata da casa, que não fala muito e gosta de passar meio desapercebido, sem "farois", mas que gosta muito de trabalhar e principalmente *fazer* as coisas, enquanto os outros grupos preferem doutrinar longe do campo das relações práticas. Assim é o Abílio.



OSWALDO DA CUNHA

O BALLET BRASILEIRO EM LONDRES

TEVE lugar recentemente em Londres, o primeiro *Festival Internacional de Dança,* organizado para marcar a abertura da semana das Nações Unidas. Foi um espetáculo brilhante, apresentando centenas de bailarinas e músicos de vin e países, inclusive o Brasil.

Ostentando tradicionais trajes de seus países, os bailarinos — amadores e profissionais — executaram com grande mestria danças que têm sido interpretadas por gerações. O programa, grandemente variado, constou de diferentes danças de países como a América, India, Indonésia e quase tôdas as nações européias.

A sensação da noite foi uma dança brasileira, em forma de "ballet", desconhecida no Reino Unido, baseada em ritmo dos índios do Amazonas.

Não só nessa dança tradicional, mas em muitos outros números do programa, o "ballet" brasileiro destacou-se, descrevendo a vida dos índios nas selvas amazônicas.

Espera-se que o Festival, organizado pela Associação dos Estudantes das Nações Unidas e pela Sociedade Internacional de Danças Populares, venha a ser um acontecimento do ano, e seja um traço de união entre os povos de diversas nações. Sendo a música e a dança uma linguagem que todos podem entender.

VILLA LOBOS



O maestro Villa Lobos foi eleito membro honorário da «International Mark Twain Society». O compositor patrício recebeu um telegrama do sr. Cycil Clemens, presidente da Sociedade, comunicando-lhe a eleição.

ERNST KRENEK

Ernst Krenek virá ao Brasil, contratado pela Pró-Arte, para a realização de um curso de composição no III Curso Internacional de Férias em Teresópolis. Ao mesmo tempo, Ernst Krenek realizará uma série de conferências públicas ***sôbre*** *o tema "Considerações estilísticas da História da Música", com exemplificação musical.*

O curso de Ernst Krenek será desenvolvido conforme as condições individuais de cada estudante (em aulas particulares e coletivas) abordando não sòmente a composição moderna mas sim também os problemas de contraponto e harmonia da composição tradicional, análises de obras da Idade-Média, de Palestrina, Beethoven, Schubert, Schoesberg, Stravinsky e Hindemith completarão os seminários.

Ernst Krenek é um dos compositores e pedagogos mais importantes da nossa época. Nascido em 1900, leciona na "Southern California School of Musik" de Los Angeles, encontrando-se atualmente na Europa, onde dirige vários concertos de suas obras e a estréia mundial de sua ópera "O Ditador".

Informações: todos os dias na rua México, 74, 6º andar, sala 601, *tel.* 22-1076.

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DO D. FEDERAL

Será realizada em 18 do corrente às 16 horas, no Salão Leopoldo Miguez, da Escola Nacional de Música, mais uma audição de alunos do Conservatório de Música do Distrito Federal.

Desta festa de arte participarão alunos de todos os graus, pertencentes às classes dos professôres: Thais Florinda Pinto, Maria Adelaide dos Santos, Antonina Guimarães do Vale, Evelyn Petiz Magalhães, Lubélia de Souza Brandão, Emília d'Anniballe Jannibelli, Iedda Macedo Moren, Mathilde Araújo, Edir Botelho, Maria Helena Castelo Branco Menescal Conde, Augusto Cypriano Pereira, Zafira Schoucair de Araújo, Fernando Teixeira Araújo e Alda Pereira Pinto.

★

RECITAL DE PIANO

Terá lugar no próximo dia 19, às 21 horas o recital de piano da senhorinha Eugênia Debul, no auditório da Associação Brasileira de Imprensa.

PAUSA PARA *Meditação*



DINAH MEZZOMO

(Foto HALFELD)

MICROFONE

ARMANDO MIGUEIS

O locutor Américo Vilhena, cuja atuação ao microfone PRE-3 é das mais corretas, acaba de narrar, para o produtor Alexandre Woolf, uma película baseada na vida de N.S. Jesus Cristo. Nesse trabalho, Vilhena mais parece um pároco de aldeia pregando a centena de fiéis, tal a interpretação dada ao script.

★

A estrêla Mary Gonçalves continua a ser vista em companhia do cantor Bill Farr. Daí, os prognósticos em tôrno de novo enlace na família radialista brasileira.

★

O repórter Vinicius Lima, que se deixou prender como comunista para melhor estudar o sistema penitenciário nacional, entrou em negociações com a Rádio Globo, a fim de radiofonizar o que viu e sentiu em sua passagem pelas prisões cariocas.

★

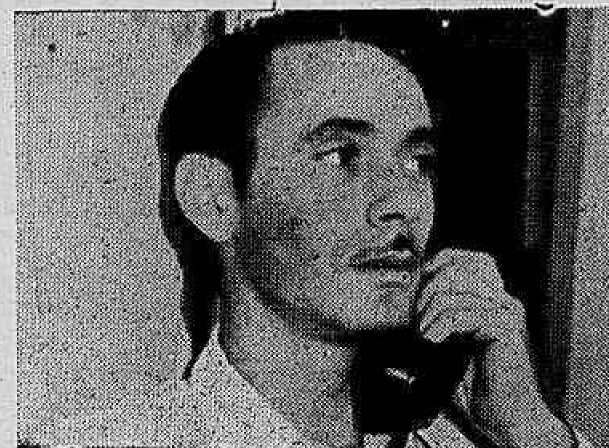
A rádio-atriz Graziela Ramalho prossegue tomando aulas de inglês, uma vez que não pretende modificar seus planos de viagem ao Egito, apesar da tensão ali existente. Graziela, no momento, participa das novelas "Ciclone", "Dever Sagrado" e "Quem é você", em que interpreta, respectivamente, Gertrudes, Alexandra e Cândida.

★

João Assaf, que recentemente ganhou uma questão contra a Rádio Globo, está em negociações com a Rádio Eldorado, a fim de dirigir a discoteca dessa novel emissora.

★

Carlos Carrié veio das coxilhas sul-riograndenses, após passar pela conhecida "Hora do Bicho", da Rádio Difusora. Não trouxe cartinhas de recomendação, nem é parente dos maiorais da política nacional. Chegou na Cidade Maravilhosa com a "cara" e bom material de voz. Isso foi o bastante para Vitor Costa ceder-lhe um horário em diversos programas da Rádio Nacional, a fim de que mostrasse aos cariocas, sua maneira agradável de interpretar melodias internacionais. E, como o cantor tem pinta de galã cinematográfico, Jorge Dória convidou-o para fazer um tipo no próximo argumento que pretende rodar.



A partida de futebol entre as equipes da Rádio Nacional e Rádio Mauá proporcionou, por extranho que pareça, aspectos que fogem completamente a ética desportiva. Os «cracks» da PRE-8 não se conformaram com o empate de 1x1, resolvendo transformar o campo de futebol em campo de batalha... Enquanto um dos jogadores da Nacional puxava de uma faca, o cantor Nelson Gonçalves, tentando pôr em prática, seus conhecimentos pugilísticos, terminava «nock-out»...

ERA UMA JOVEM REBELDE AO AMOR, LEVADA PELO PRÁZER DA AVENTURA...

POR ISSO A CHAMAVAM

A INSATISFEITA

— EMPOLGANTE HISTÓRIA DE MARY, A MOÇA DE ESPÍRITO FORJADO NA MAIS ALUCINANTE CONCEPÇÃO DE LIBERDADE E AUTO-SUFICIÊNCIA...

A INSATISFEITA

— O SENSACIONAL ROMANCE CUJA TIRAGEM JÁ ATINGIU A SOMA DE 3 MILHÕES DE EXEMPLARES NOS EE.UU.!

A INSATISFEITA

SÍMBOLO DA MULHER MODERNA, ROMPENDO AS AMARRAS DA EDUCAÇÃO DE ONTEM EM BUSCA DA VIDA DIFERENTE NO AMANHÃ, NOS EMBATES DAS AGITAÇÕES DA SOCIEDADE ATUAL!

A INSATISFEITA

de IRENE TEMPLE BAILEY

(Tradução de RENATO DE ALENCAR)

É O GRANDE ROMANCE QUE A SENHORA ENCONTRARÁ NAS PÁGINAS DA:

REVISTA DA SEMANA

INICIADO EM 6 DE OUTUBRO

Conserve a sua péle limpa e macia...



SARDAS,
ESPINHAS
E
MANCHAS



Pomada SÃO SEBASTIÃO